

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AS BEIRAS DE MIA COUTO

Marlene dos Anjos

2018

AS BEIRAS DE MIA COUTO

Marlene dos Anjos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas).

Orientador: Professor Doutor Nazir Ahmed Can

Rio de Janeiro

Agosto de 2018

As Beiras de Mia Couto

Marlene dos Anjos

Orientador: Nazir Ahmed Can

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas).

Examinada por:

Orientador: Professor Doutor Nazir Ahmed Can – UFRJ
Avaliador

Professora Doutora Vanessa Ribeiro Teixeira – UFRJ
Avaliadora

Professora Doutora Viviane Mendes de Moraes – PPGF UFRJ
Avaliadora

Professora Doutora Carmen Lucia Tindo Ribeiro Secco – UFRJ
Suplente

Professora Doutora Erica Cristina Bispo – IFRJ
Suplente

Rio de Janeiro
Agosto de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

A599b Anjos , Marlene dos
As Beiras de Mia Couto / Marlene dos Anjos. --
Rio de Janeiro, 2018.
80 f.

Orientador: Nazir Ahmed Can.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Vernáculas, 2018.

1. Couto, Mia, 1955- -- Crítica e interpretação.
2. Beira. (Moçambique) - Literatura . 3. Fronteiras.
4. Identidade . 5. Análise do discurso literário. I.
Ahmed Can, Nazir , orient. II. Título.

**Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RESUMO

AS BEIRAS DE MIA COUTO

Marlene dos Anjos

Orientador: Professor Doutor Nazir Ahmed Can

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas).

O objetivo deste estudo é identificar os pontos de contato entre os textos ficcionais e os textos de opinião do escritor moçambicano Mia Couto, em particular nas obras *Cronicando* (1991) e *Pensatempos* (2005). Partindo do levantamento de algumas características que unem o ficcionista e o ensaísta procuraremos entender “que África escreve” Mia Couto. Realçam-se na análise as perspectivas de diversidade e de mobilidade com as quais, pela aproximação da noção de “fronteira”, Mia Couto apresenta as relações que o continente e seu país estabelecem entre o local e o global. Finalmente, observamos as escritas que unem o escritor ao biólogo.

Palavras-chaves: Mia Couto, Beira, fronteira, identidade, mobilidade

Rio de Janeiro
Agosto de 2018

ABSTRACT

BEIRAS'S MIA COUTO

Marlene dos Anjos

Orientador: Professor Doutor Nazir Ahmed Can

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas).

The objective of this study is to identify the points of contact between the fictional texts and the texts of opinion of the Mozambican writer Mia Couto, in particular in the works *Cronicando* (1991) and *Pensatempos* (2005). Starting from some characteristics that unite the fictionist and the essayist we will try to understand "that Africa writes" Mia Couto. We emphasize in the analysis the perspectives of diversity and mobility with which, by the approach of the notion of "border", Mia Couto presents the relations that the continent and Mozambique establish between the local and the global. Finally, we observe the writings that bind the writer to the biologist.

Key-words: Mia Couto, Beira, border, identity, mobility

Rio de Janeiro
August 2018

Às minhas netinhas, inspirações.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que me põe e mantém de pé.

Às minhas amadas mães **Jurema** e **Severina**, que assim me criaram.

A **minha família**, meu chão.

À querida amiga-irmã **Eliana**, por todo suporte.

À querida hermana **Ednea**, por toda presença me ouvindo.

Ao orientador Professor Doutor **Nazir Ahmed Can**, com reconhecimento e valorização, pelo apoio imensurável nessa trajetória. Muito obrigada digo, ciente de que não consigo expressar nessas palavras a dimensão de meu agradecimento pela contribuição em meu crescimento intelectual.

À Professora Doutora **Carmen Lucia Tindo Ribeiro Secco**, que primeira orientadora, contribuiu decisivamente para os rumos da pesquisa, por sua luta pela implantação do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e pelo muito que aprendi em suas aulas.

Às professoras Doutoradas **Ângela Beatriz de Carvalho Faria** e **Maria Teresa Salgado**, que iniciaram esses meus estudos na Especialização.

À Professora Doutora **Gumerinda Nascimento Gonda**, pelos ensinamentos literários e de luta. Em especial, agradeço pelo apoio, mão amiga, em momento muito difícil.

Aos colegas **João Sanches**, **Marlon Augusto** e **Danyelle Marques**, tão prestativos em auxiliar-me nas formatações.

Às Professoras Doutoradas, **Vanessa Ribeiro Teixeira**, **Viviane Mendes de Moraes**, **Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco** e **Érica Cristina Bispo**, por aceitarem integrar a banca avaliadora.

A meus **alunos** de todos os tempos

MUITO OBRIGADA!

*Nesse lá eu nasci.*¹

Mia Couto

*Saudou-me com palavras avisantes: uma terra que não viaja é porque já não sonha.*²

Mia Couto

*I have a dream.*³

Martin Luther King

*Literatura e identidade. Princípio e fim.*⁴
Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a das alienação do outro até que um dia e virá “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo”.

Manuel Rui

¹ COUTO, 2005, p.149.

² COUTO,1991, p.14.

³ KING,1963.

⁴ RUI,1985.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. IDENTIDADES LINGUÍSTICAS MOÇAMBICANAS: UMA QUESTÃO GEOGRÁFICA E ORTOGRÁFICA	20
2. UMA ESCRITA A PARTIR DA BEIRA: CONVERSA DE MOÇAMBIQUE COM O MUNDO	35
3. BIO-GRÁFIAS COUTIANAS: O BIÓLOGO NAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS	55
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A apresentação de um autor como Mia Couto é tarefa difícil devido à variedade de sua produção. O mesmo se pode dizer dos temas que, inspirados em sua obra, já foram explorados pela crítica. O caminho encontrado para fazer face a esse duplo desafio é, considerando a proposta da pesquisa, conjugá-lo ao espaço e tentar construir um paralelo entre sua história pessoal e literária e a história de sua cidade, que se insere em seu país. Nesse sentido entrelaçam-se António Emilio Leite Couto, Mia Couto, Beira e Moçambique.

Em 05 de julho do ano de 1955 nasce em Moçambique, na época uma colônia de Portugal, António Emilio Leite Couto. Moçambicano de nascimento e filho de pais portugueses, inaugurando-se desde aí a condição de fronteira que perpassará a sua vida pessoal e literária. O nome de registro, logo na infância, cede lugar ao nome que, surgido em família, torna-se a identificação através da qual, como homem e escritor, é reconhecido mundialmente, Mia Couto.

A Beira, cidade moçambicana da Província de Sofala, o seu berço, torna-se mais do que o espaço referencial de localização de naturalidade pelo que se pode depreender das palavras do escritor: “Falo da Beira, pequena cidade em que nasci, localizada no centro de Moçambique, na margem esquerda do rio Pungué”. (COUTO, 2005, p. 145). A Beira, pelas características diversas, que vão do geográfico das águas abundantes ao hibridismo¹ das relações humanas e sociais, adquire a condição de referência e influência em sua obra literária, constituindo-se em uma espécie de mapa orientador de afetos. O autor nos faz uma das várias apresentações de seu lugar:

A Beira sempre teve dificuldade em ordenar o seu espaço à maneira colonial. Inundada por indomesticáveis chuvas, marginada por impenetráveis mangais.

¹ Empregado aqui e em outras partes do texto em seu uso mais amplo, com sentido de mescla, diversidade, composição.

Nessa circunstância era difícil expulsar África daquele lugar. Os colonos bem desejavam empurrar os africanos para longe. Mas os negros ficavam sempre ali, do outro lado da rua. A minha cidade estava condenada a ser lugar de fronteira – entre o mar e o continente, entre a Europa e a África, entre o catolicismo e a religião dos antepassados. (COUTO, 2005, p. 150).

A sua cidade, da qual não se afasta no decorrer de sua caminhada literária, é um texto permanentemente lido pelo autor. Em consonância com a forte ligação com a Beira mantém-se em sua literatura a leitura da infância. Em 1972, o autor deixa a Beira e vai para Lourenço Marques, atualmente Maputo, para iniciar os estudos de Medicina, curso não concluído. E nos diz: “Contudo, Lourenço Marques não me afastava da minha cidade natal”. (COUTO, 2005, p. 152).

Estudante, participa de movimentos estudantis pela luta de independência do país e alia-se à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Abandona, depois, o curso de Medicina e inicia a atuação como jornalista, atividade mais aproximada com a consolidada carreira de escritor que o caracteriza entre os nomes de destaque não só dentro da literatura moçambicana, mas africana e, inclusive, mundial.

Aos 14 anos inicia a trajetória literária publicando suas poesias no jornal *Notícias da Beira*. Estreia oficialmente na literatura com a publicação de *Raiz de Orvalho*, livro de poesia, em 1983. Sua produção literária, caracterizada pela diversidade de temáticas, possui múltiplas facetas, expressando-se com igual qualidade em poema e em prosa. Além de poeta, Mia Couto é contista, cronista, romancista e ensaísta. Biólogo de formação, Mia Couto foi também professor universitário. Destaca-se ainda sua atuação em projetos ambientais em seu país concentrados.

A crônica e o ensaio em Mia Couto são expressões textuais que, em comum abordam o cotidiano, apoiando-se em um tempo diretamente observável e pautados pela perspectiva subjetiva. A realidade, em ambos os olhares, é redimensionada criticamente ao mesmo tempo que se propõe, como outros autores moçambicanos, uma reinvenção literária no quadro da jovem nação. Mia Couto, sempre atento à construção de fronteiras aproximativas nos dois gêneros, nos convida a pensar em uma leitura intertextual.

Em prefácio para o livro *Para gostar de ler: crônicas*, intitulado “A vida ao rés do chão”, Antônio Cândido nos expõe considerações sobre crônica que, em certo aspecto, se podem ajustar também, no caso de Mia Couto, aos ensaios. Para o crítico, as crônicas superam a temporalidade das publicações em jornais, assim como os textos de opinião,

que também ultrapassam curtos períodos de exposições orais em situações específicas de apresentação do autor. Nas palavras do crítico:

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (CÂNDIDO, 1984, p. 4).

Nessa perspectiva, crônicas e ensaios tornam-se gêneros afins, não só pela origem jornalística e por expressarem o seu tempo, mas também pela capacidade de transporem esse mesmo tempo, além da simplicidade da linguagem. Nesse sentido, Mia Couto confirma, em ambos os estilos, o seu olhar direcionado para o seu povo e a sua terra, trazendo por via da literatura o protagonismo humano nas mais diversificadas representações possibilitando, assim, a compreensão dos contextos diversos do seu país como forma de valorização humana, cultural e ideológica. Havendo nesses gêneros a marca da oralidade, sobressai, de modo um pouco mais evidente, em suas crônicas, a adequação a um funcionamento específico, como suporte projetado para um contexto de pouquíssimo acesso à escrita, que reforça essa característica cultural moçambicana e facilita o contato com as informações.

Também o humor aproxima as crônicas e os ensaios de Mia Couto. Ambos os gêneros nos permitem perceber a condição apontada por Cândido: “Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo atraindo, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”. (Cândido, 1984).

Ainda que se referindo à produção brasileira, Cândido mais uma vez nos possibilita relacionar suas observações ao contexto africano quando aponta que: “O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca da oralidade na escrita, isto é, na quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor”. (Cândido, 1984).

As categorizações clássicas da literatura separam, de um lado, as crônicas e, de outro, os ensaios. Mia Couto, porém, com sua propensão para a diluição de fronteiras, nos faz encontrar esses dois gêneros, em vários aspectos, de um mesmo lado, com

características similares que não nos facilita uma rígida separação. Ressaltadas as peculiaridades da produção coutiana, o desafio é encontrar suporte para confirmar que os textos de opinião podem se equivaler aos ensaios. E inevitável é caracterizar o ensaio enquanto gênero literário e confirmar essa condição nos textos de *Pensamentos*.

Desde Montaigne, considerado o pai do gênero, que publicou seus *Ensaaios* em 1580, até produções mais atuais, o gênero ganha acréscimos de definições e perde sua dimensão rígida. Há inclusive posições que negam sua condição de texto literário. A classificação do ensaio como gênero literário não é, portanto, algo pacífico no âmbito da literatura. É considerado, conforme nos apresenta Carrijo, como um “gênero sob suspeita”. O que se observa é que o ensaio, por marcar mais explicitamente a subjetividade, torna-se muito variável em relação a outros gêneros de caracterizações mais fixas.

A classificação de obras em gêneros literários, para além da função epistemológica, acarreta o estabelecimento de hierarquias de valores e de práticas de prescrição e proscrição de determinados preceitos. Daí a oposição entre categorias “nobres”, como a epopeia, de um lado e de outro os gêneros sob suspeita, como o romance de tese, a autobiografia, a crônica e o ensaio, alguns deles amaldiçoados pelo desvio que operam em relação ao preceito da *mimesis* aristotélica. (CARRIJO, 2007).

Considerar os textos de opinião de Mia Couto como ensaios perpassa também essa condição “duvidosa” tanto pelos aspectos variados de abordagens quanto pela diversidade e flexibilidade de perspectiva com que enfoca as temáticas, sendo também um desafio condicionar sua escrita ensaística a padrões. Por outro lado, a impureza que tem caracterizado o ensaio, enquanto texto que admite constantemente o acréscimo de novos elementos, de certo modo vai ter aproximação com os textos coutianos. Nesse sentido, confirmam a condição ensaística da produção.

Denominados como textos de opinião, intervenções ou “interinvenções”, como os caracteriza o autor, os textos que compõem *Pensamentos* podem ser submetidos a uma análise que os situe como ensaios literários. As peculiaridades desses textos, podem ser percebidas por três dos pontos destacados pela crítica, que os entende como “Singularidades de um (anti) gênero”: “Prosa digressiva, descontínua e fragmentária, espécie de pensamento por imagens, o ensaio constitui livre instrumento através do qual o escritor, hermeneuticamente, lança-se a compreender a realidade.” (CARRIJO, 2007)

A coletânea *Pensatempos* admite a condição ensaística já desde a proposta expressa no título. Considerando o todo, é uma prosa digressiva que consegue pensar os tempos, passar do presente e revisitar o passado com perspectivas de futuro. Destaca-se ainda a condição digressiva em razão de, pela perspectiva de seu país, o autor lançar o olhar para o continente e para o mundo, apontando para a relatividade e a complexidade das questões. O trânsito entre temporalidades e espaços confirma a condição textual em consonância com perspectiva de fronteiras não fixas. A digressão torna-se, assim, expressão de coerência entre proposta e materialização escrita. A descontinuidade e a fragmentação se podem perceber na diversidade de temáticas e na variedade de enfoques dados às mesmas no conjunto dos textos. Os três aspectos caracterizadores do ensaio se aliam em Mia Couto com a concepção de mobilidade que expressa a sua escrita.

Se os textos de opinião no conjunto observados pela proposta titular confirmam a condição de ensaio, compreendemos que a parte também reflete a mesma condição. No intuito de comprovar essa hipótese, tomaremos um ensaio para cada uma das condições caracterizadoras da prosa ensaística. Um texto em que a digressão é bastante acentuada é “Uma cidadania à procura da sua cidade”, em que, iniciando uma abordagem sobre palavras, perpassa questões de identidades, cita personalidades como Simone de Beauvoir, Eusébio e Amália Rodrigues, urbanidade e ruralidade e fecha referindo-se ao seu livro *Cada Homem é Uma Raça*. Com tantas abordagens incluídas, não retira do texto a ideia central a ser discutida.

Em “A mosca ou a aranha”, a temática proposta sobre a globalização tecnológica vai acomodar abordagens sobre ciência, como já sugere o título, sobre relação entre cultura europeia e africana em tempo colonial, sobre as inundações ocorridas em 2000, etc. Cita ainda, como confundiram o autor com Chuck Norris e os pedidos que a população fazia por casa, postos de saúde e outros serviços, além de sua entrevista em inglês, entre outros enfoques em um só texto que vão dar a medida da descontinuidade. Como a digressão, a descontinuidade não desfaz a consistência da abordagem.

E, ainda, para a condição de prosa fragmentária que já se constitui pela digressão e pela descontinuidade, percebidas mais claramente no conjunto dos textos, cabe citar “Conservação faunística: uma arca sem Noé?”, que se estrutura em partes desde a

introdução, possui outros seis “capítulos”, todos denominados equívocos com variações, como por exemplo: “1. Equívocos filosóficos: palavras dançarinas e conceitos voadores” (p.128) e “2. Equívocos da História”(p. 129) . “Em 6. Equívoco das comunidades e dos bons selvagens” (p.139), há a subdivisão em 7 “ Mitos”, como se fossem subcapítulos e, fechando, a conclusão. O nível de fragmentação do texto corrobora o olhar atento do autor para a diversidade que contempla o todo e seus constituintes.

Muitas são as questões sobre aspectos formais e de conteúdo que envolvem a conceituação de ensaios literários. Muitos apresentam pontos em comum e outros trazem acréscimos. Pelo observado, os textos de opinião de Mia Couto têm os componentes que os inserem no gênero textual e acrescentam pontos de originalidade a partir da fusão de gêneros.

A análise que propomos vale-se, desse modo, da riqueza da produção de Mia Couto e das aproximações entre os gêneros por ele efetuada. Trata-se de uma via, até onde sabemos, menos explorada no campo crítico que observa a obra do autor. Parece-nos que os gêneros, especialmente em Mia Couto, são complementares de uma intenção de valorização de Moçambique e de seu povo, configurando mais do que um projeto artístico, uma contribuição no sentido de que a literatura moçambicana adquira uma condição de enraizamento sem que isso signifique confinamento com reflexos atrofiadores nas imagens do país, do continente e das populações. Sua literatura, observada na perspectiva da intertextualidade entre crônicas e ensaios, nos permite observar uma série de relações entre os seus lugares e o mundo. É desse conjunto de pertencimento que se ocupa a pesquisa.

Assim, a dupla vertente da produção em prosa de Mia Couto deu base a esse projeto de pesquisa que pretende observar os diálogos e os laços entre os seus textos de opinião e de ficção, mais especificamente, entre textos que compõem respectivamente as obras *Pensatempos* (2005), com o total de 18 ensaios apresentados em diversas conferências, e *Cronicando* (1991), que reúne 49 crônicas, a maioria das quais publicada anteriormente em jornais. Em 1989, a *Cronicando* foi concedido pela Organização dos Jornalistas Moçambicanos o Prêmio Anual de Jornalismo Areosa Pena.

Partimos da hipótese de que o Mia Couto ficcionista e o Mia Couto ensaísta se completam. As ideias de “pluralidade” e de “mobilidade”, muito importantes em seu imaginário intelectual, projetam-se para a nação e para o ser humano e aparecem nos dois tipos de produção. Para além da temática, do ponto de vista formal algumas estratégias aproximam os dois campos. O objetivo desse trabalho, assim, é mostrar como os textos de opinião e os textos de ficção, considerando-se as obras enfocadas, em vez de serem lidos separadamente, como tem sido feito com mais frequência pelos estudiosos, podem ser compreendidos como manifestações diversas e móveis de um mesmo tipo de mensagem, integrando-se a um projeto literário específico.

As relações se dão de múltiplas formas. Para confirmar a validade de nossa hipótese, escolhemos analisar três aspectos de sua prosa: no primeiro capítulo discutiremos a mobilidade da língua; no segundo, a mobilidade de uns dos espaços que inspira Mia Couto (Beira, cidade natal do escritor); no terceiro, a mobilidade de um campo de conhecimento (a biologia, outra profissão do autor) e suas pontes com a literatura.

Para tanto, é preciso que se reconheça que os textos de opinião e os textos de ficção, em seu conjunto, expressam o pensamento do escritor que conjuga momentos presentes, passados e o futuro de um Moçambique ainda sonhado. E, ainda, que se entenda que as reflexões do autor acerca de seu tempo, ou seus “pensatempos”, se podem condensar em interrogações, como no questionamento expresso em um dos capítulos de *Pensatempos*, intitulado “Que África escreve o escritor africano”? (Intervenção na cerimônia de atribuição do Prêmio Internacional dos 12 melhores Romances de África, Cidade do Cabo, julho de 2002). Procuraremos observar, assim, que os textos de *Pensatempos* em diálogo com as crônicas de *Cronicando*, vão a um só tempo e voz oferecendo pistas sobre que África escreve esse escritor africano.

Assim, ao observarmos “Mia Couto em Mia Couto”, pretendemos também entender como o autor responde à questão: “Que África escreve Mia Couto?” em *Pensatempos* e em *Cronicando*. As mais variadas temáticas abordadas pelo autor trazem reflexões, mostram visões de mundo que incorporam a subjetividade individual e coletiva local, nacional e mesmo de outros espaços que ultrapassam as fronteiras de Moçambique.

A questão proposta no título do texto de Mia Couto nos revela uma preocupação de natureza crítico-teórica, marcadamente expressa nas palavras “escreve” e “escritor”.

Nesse par de termos nos são entregues o foco da análise e, acreditamos, algum potencial de base teórica incluído em sua produção ensaística. Conforme o autor, entendemos: “O nosso papel é o de criarmos os pressupostos de um pensamento mais nosso, para que a avaliação do nosso lugar e do nosso tempo deixe de ser feita a partir de categorias criadas pelos outros”. (COUTO, 2005, p. 59). Como se trata de um pensador de tempos, torna-se coerente que seus pensamentos (pensatemplos) possam dar suporte às análises de textos literários próprios, moçambicanos, africanos e outros. Buscar em sua produção a tal “resposta” é um caminho. Mas não o único.

Nossa pesquisa se apoia em estudos sobre a obra de Mia Couto (Saraiva, 2013; Secco, 2002; Laranjeira, 2002; Chaves, 2013; Cavacas, 1999,2000), da historiografia sobre o continente africano (Ki-Zerbo, 2009), das ciências sociais e humanas que tratam das relações entre mobilidade, espaço e globalização (Santos, 1988, 2012, 2013; Augé 2010,2014) e que abordam questões sobre a identidade (Appiah, 1997, Mbembe, 2001) entre outros.

No rico e diversificado universo da produção literária coutiana, seus ensaios, frente aos outros gêneros trabalhados pelo autor, são, por assim dizer, o gênero que menos tem despertado o interesse de estudos acadêmicos. Mesmo na vastíssima e respeitável coletânea dos textos que compõem o livro *Mia Couto um convite à diferença*, que reúne 35 conceituados estudiosos, apenas um dos textos, “*Pensatemplos e outras interinvenções: A crítica empenhada de Mia Couto*”, de autoria de Sueli Saraiva, faz uma abordagem específica à produção ensaística coutiana.

Nossa pesquisa poderá contribuir, desse modo, para o aumento de estudos com enfoque nessa vertente da prosa do autor que, em muitos momentos pudemos verificar, está afinada com outras produções do grupo ficcional, configurando-se com parte de projeto literário coeso e abrangente

Nossa proposta de ver “Mia Couto em Mia Couto”, promovendo um diálogo entre os textos de ficção e os textos de opinião, não visa tanto a encontrar respostas definitivas à questão. O que se quer, sobretudo, é enxergar, na questão colocada no título da intervenção “Que África escreve o escritor africano?”, a possibilidade de entendermos um pouco mais o tipo de mensagem transmitido por Mia Couto. É possível entender então que, se se fala de “escreve” e de “escritor”, fala-se também de produção literária e de propósitos para a sociedade, e uma vez postos em um questionamento, claramente nos remetem a análises e investigações nesse âmbito.

Como entre o ponto de partida de uma ideia e sua concretização surgem outras possibilidades, tivemos o entendimento de que quando se pensa “que África escreve o escritor africano” quase que inevitavelmente se é levado a considerar a partir de que África se escreve. A pesquisa, mantendo o fio condutor inicial, e dando ênfase a um aspecto específico, nesse caso o espaço, intitula-se “As Beiras de Mia Couto”. Quando o autor escreve sobre a Beira, sua cidade natal, em “Águas do meu princípio”, nos fala também de seu país, nos mostra África, nos aponta questões do mundo. Nesse texto, como em outros que compõem *Pensatempos* e *Cronicando*, os aspectos enfocados perpassam a condição humana independente dos limites geográficos, mas revela uma fonte de inspiração. Nesse texto, encontramos: “Mas não foram apenas lembranças que a Beira me ofereceu. A cidade me ensinou como o meu país tem países diversos dentro, profundamente repartidos entre universos culturais e sociais variados”. (COUTO, 2005, p. 150). Por outro lado, também cabe referir que o ponto de partida deste trabalho – de admiração pela escrita e pelo pensamento de Mia Couto – é um caminho de duas mãos: nos permite compreender aspectos sobre as temáticas enfocadas e estabelecer diversas relações, por um lado; nos direciona a um caminho que não prevê todas as soluções, que certamente o complemento de outros caminhos ofereceriam. Este ponto de partida terá, portanto, limitações como sempre acontece.

Ao pensar o espaço, o autor não pode evitar de refletir também sobre a mobilidade dos tempos. Sua prosa observa os múltiplos períodos moçambicanos. De fato, suas reflexões são pensatempos, no sentido de um alcance amplo, plural envolvendo passado, presente, futuro com todas as configurações sociais, políticas, culturais, econômicas, humanas e as “heranças” que lhes são próprias.

Como nos aponta Carmen Tindó, “Mia Couto é um pensador múltiplo: das letras e da história; das tradições e da modernidade; da guerra e dos afetos; de Moçambique, da África e do mundo. Pensa o tempo e o humano, a vida e a morte”. (SECCO, 2002, p. X).

O diálogo entre as obras que propomos vem, então, explorar alguns aspectos de sua produção e observar os textos de opinião num mesmo patamar de interesse do restante de sua produção.

Nossa intenção é observar a intertextualidade entre produções ficcionais e de opinião, a fim de encontrar a África, particularizada em Moçambique, neste caso sempre aberta ao mundo, que Mia Couto escreve.

1 IDENTIDADES LINGUÍSTICAS MOÇAMBICANAS: UMA QUESTÃO GEOGRÁFICA E ORTOGRÁFICA

A proposta desse primeiro capítulo é observar as identidades linguísticas moçambicanas e suas relações com o espaço nas crônicas “África com kapa?” e “Mulher roxa em vestido laranja”, de Mia Couto. Pretende-se perceber como as geografias coutianas apontam para a flexibilização de fronteiras, inserindo o global no local. Nessa perspectiva, um detalhe ortográfico ganha relevância, pois funciona como elemento indicador da complexa incorporação de valores nos contextos sociais, culturais, econômicos e outros que caracterizam o território moçambicano.

Um termo frequente nos textos e entrevistas de Mia Couto é “fronteira”. Palavra que, em seus discursos, embora possua significações variadas no contexto em que se insere, nos remete invariavelmente à diluição de rígidos conceitos que buscam definir uma identidade africana, mais especificamente moçambicana. O componente linguístico, quando associado à noção de fronteira, ganha relevância nas questões que envolvem identidade, sobretudo em função da imposição colonial.

Em seus textos ficcionais e de opinião, observações críticas de Moçambique no mundo e do mundo em Moçambique nos são apresentadas tendo como base aspectos linguísticos e culturais. Nessas distintas produções literárias são consideradas as fronteiras que aproximam mais do que distanciam valores locais e globais. É sobre essas proximidades que dão mobilidades às identidades que centraremos agora nossa atenção. A questão linguística é ponto de apoio considerando-se que a língua é fator decisivo na formação cultural de um povo, seja para consolidação de valores próprios ou para assimilação de valores impostos que podem passar a ser incorporados como próprios, promovendo defesas acirradas e equívocos, como nos apresenta Couto na crônica “África com kapa?”, que compõe o livro *Cronicando* (1991), e também que se

apaziguam como possibilidade resultante dos contatos próprios dos contextos contemporâneos.

De certa forma, sob qualquer enfoque, leituras de seus textos possibilitam, como atendendo a um convite, refletir sobre a questão proposta pelo próprio autor, “Que África escreve o escritor africano?”. Dentro dessa compreensão, junto à abordagem linguística, passa-se então a querer compreender “que África escreve” Mia Couto.

Por toda a expressividade no contexto literário moçambicano e na necessidade de delimitação da abordagem, elegeu-se, como sugere o título desse trabalho, o espaço em um sentido amplo (geográfico, social e linguístico, metafórico e corpóreo), como o elemento norteador das leituras. Não pretendemos, porém, neste primeiro capítulo, observar os espaços territoriais rurais e urbanos moçambicanos com suas tradicionais análises opositivas, mas esses e outros microespaços contidos em Moçambique, ou que se apresentam para além do território moçambicano, em sua relação com a questão da língua.

Com humor, na crônica “África com kapa?”, a questão da identidade linguística moçambicana é pluralizada em suas possibilidades além da dicotômica relação entre língua do colonizado e língua do colonizador. O impasse ortográfico que surge entre personagens, em um aeroporto brasileiro, nos aponta para as influências de outros contatos culturais, possibilitando compreender a complexidade da questão “que África escreve o escritor africano?”, mas também como escreve e a partir de que espaços/lugares escreve.

Tendo já na questão proposta pelo autor a indicação do elemento espacial, pensamos em entender a partir de que África escreve Mia Couto, e, considerando palavras do próprio autor a respeito dos ensinamentos sobre os países que Moçambique traz dentro dele mesmo, repartidos em variedades culturais e sociais, pensar em uma África escrita a partir da Beira.

Podemos entender que a diversidade que marca a Beira geográfica confere pluralidade ao escritor e às suas geo-grafias¹, como mencionado na introdução, a possibilidade de refletir sobre “Beiras de Mia Couto”.

A partir das Beiras, clara menção à cidade moçambicana em que nasceu Mia Couto, passamos a compreender que África, particularizada em Moçambique, escreve o

¹ Expressamos a concepção trabalhada por Nazir Can (2017) em seus mais recentes artigos e projeto de pesquisa sobre o espaço nas literaturas de Angola, Moçambique e Cabo Verde.

autor e, pela pluralização dada, ir ao encontro da própria imagem que o autor oferece de si mesmo: quando se diz “um ser de fronteira”, percebida não só, mas explicitamente, pela sua filiação portuguesa e nascimento moçambicano, ele argumenta:

No fundo eu partilhava com a cidade uma igual condição: ambos éramos criaturas de fronteira, entre o mar e a terra, entre o rural e o urbano, entre a Europa e a África. Sou moçambicano, filho de portugueses, nasci em pleno sistema colonial, combati pela Independência, vivi mudanças radicais do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Vim à luz num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que ainda está nascendo. A cidade é um cordão umbilical que criamos depois de nascermos. (COUTO, 2005, p.150).

As tantas “beiras” da Beira referidas na citação nos conduzem a pensar em três espaços que, trabalhados pelo autor, nos remeterão a concepções de identidades moçambicanas: a Beira linguística, a Beira literária e a Beira social.

Em consonância com a proposta de observação de espaços linguísticos, ganha pertinência considerarmos uma identificação dos territórios linguísticos de Mia Couto, suas “beiras”, nos quais encontramos os neologismos, a língua portuguesa e línguas nacionais. O português, como língua oficial, mesmo em meio ao plurilinguismo nacional, sobrepõe-se em sua obra sem que, contudo, tenha exclusividade como língua literária do autor. Além disso, o português de Mia Couto, como já foi observado pela crítica (Cavacas, 1999), não é propriamente o mesmo que se pratica em outros contextos. O autor nacionaliza e pluraliza a língua.

Centramos a análise desse trabalho na Beira linguística, no território coutiano da língua portuguesa, entendendo que a referida crônica nos possibilita compreender identidades linguísticas como uma questão geo-gráfica e ortográfica.

O texto tem como título uma pergunta: “África com kapa?” (p. 171). Inicia-se com a orientação ortográfica dada ao brasileiro pelo moçambicano:

— *Escreve-se com kapa e dabliu.*

O brasileiro não entendeu.

— *Como?*

[...]

Ele tinha escrito o nome do meu compatriota empregando as normas ortográficas da língua portuguesa. Usou as letras “c”, “u” e “i” onde o meu amigo insistia em emendar para kapa, dabliu e ípsilon.

— *Não percebo por que escreve assim* - teimou o funcionário.

— Por que assim é que é a maneira africana de escrever.

— *Temos que assumir nossas raízes africanas, respeitar as nossas tradições.*

— *Será que os kapas são mais africanos que os cês?* (p. 172).

Referindo-se à influência do inglês, que pode resultar da relação com o contato com África do Sul e outros vizinhos anglófonos, ou à influência norte-americana, o brasileiro provoca:

“— *Você sai da sombra da mangueira para entrar na sombra do abacateiro, moço*”. (p.172). De início, já se estabelece uma distância entre herdeiros da língua portuguesa, um brasileiro e um moçambicano, em relação à forma escrita da palavra África. Se pelo lado da oralidade aproximam-se compreensões, a questão ortográfica suscita conflitos. E ainda há a observação de que ambos estão sob a “sombra” de influências linguísticas que apontam para “fronteiras redesenhadas” (AUGÉ, 2010, p.25) no contexto contemporâneo, pois o português é língua oficial frente a tantas outras nacionais moçambicanas. Quanto ao inglês, se põe como língua global.

Considerando o contexto, entender como uma referência ao Acordo Ortográfico de 1990, do qual Moçambique não foi país signatário, seria uma possibilidade. Como também faria sentido relacionar a diferença ortográfica às relações do povo moçambicano com o país vizinho.

Reconhecida a pertinência dessas possíveis abordagens, nos parece, contudo, que a perspectiva de leitura com atenção à geografia que se desenha no percurso Moçambique-Brasil e o ambiente privilegiado na crônica enquadra-se melhor nos objetivos de nossa análise.

Seja como for, o que nos parece estar em foco são as mobilidades de fronteiras identitárias. As rígidas concepções de identidade são postas em questão a partir da língua, levando-nos a rever as concepções de elementos caracterizadores da cultura e das literaturas africanas de língua portuguesa em geral. Se dois falantes de mesma língua imposta entram em impasse pela questão ortográfica, fica evidenciado também o trânsito que dilui fronteiras, possibilita a discussão e valoriza as diversas formas de dizer “África”.

É através da exposição das condições de flexibilidade da língua que Mia Couto, nesse texto recheado de humor, vai indicando que o ser africano não se encontra estático e restrito aos espaços territoriais, mas em mobilidade. Ao levar a questão linguística para o espaço externo ao território moçambicano, o autor sugere que Moçambique não deve estar fechado em concepções limitadoras. Posicionando-se contrariamente à

exigência de características rígidas também para a classificação de literatura africana, o autor propõe:

O escritor, porém, tem outros compromissos. Uma das obrigações do escritor africano é estar disponível para em certas circunstâncias, deixar de ser escritor e não se pensar “africano”. Explico-me: o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. (COUTO, 2005, p. 59).

O que se pode pensar é que a representação do território moçambicano, após a conquista da independência, avança para espaços cuja transformação se dá no contexto de trocas globais. Observar o contexto moçambicano dentro e fora do território retira do escritor africano a obrigatoriedade de representar uma África no gueto, ou um país cercado em parâmetros confinadores, que consolidem a exclusão do continente africano. Entende-se que: “A literatura está do lado da modernidade. E nós perdemos “identidade” se atravessamos a fronteira do tradicional: é isso que dizem os preconceitos dos caçadores da virgindade étnica e racial”. (COUTO, 2005, p. 59). Isso não o impede de ver as contradições que aparecem na abertura ao mundo. Elegendo outro país para ambientar a narrativa, o Brasil, no micro espaço do aeroporto, um não-lugar caracterizado pelo trânsito e trocas efêmeras, como nos aponta Augé (2010), Mia Couto vai apontando as mobilidades das fronteiras de Moçambique e também alguns limites dessas trocas. O autor fará sempre uso da ironia, como no desfecho da narrativa:

“–Pronto, também emendo o seu. Mas é só por essa vez, viu?”

“E com gesto enérgico, riscou a ficha. No formulário em letras garrafais escreveu: MYA KOWTO.” (p.173).

O resultado gráfico do nome nos faz pensar em um “embaralhamento” cultural que, contudo, não nos impede a identificação. Uma forma de se escrever cujas transformações não trazem perdas de compreensão de identidade, mas ampliam possibilidades de escritas e leituras. A literatura faz com que as relações de exploração possam ser substituídas por relações de troca em aspectos diversos.

A insistência na ideia, que ainda se pode encontrar em alguns comentários sobre literaturas africanas, de que escritores africanos devem tematizar uma africanidade paralisada no tempo, na expectativa de um mundo exótico, pode colaborar para reafirmar um atraso dos países africanos em relação ao continente europeu.

Exigir uma africanidade que exalte uma África exótica, assemelhada aos moldes da literatura da fase colonial, ambientada no “mato” como nos expõe Noa (1999, p. 64), concorre para que se mantenha literariamente e em outros universos (políticos, sociais, culturais, econômicos) uma “África com capa?”.

Concluimos que é possível encontrar na geo-grafia literária coutiana a proposta de fronteiras mais alargadas para o território moçambicano literário e também não ficcional, e a crônica em questão exemplifica o trânsito nesse sentido.

A conclusão, como sugerimos acima, não encerra a ideia. Consideremos também que o conceito de trânsito admite mão-dupla, prevê idas e vindas. Nessa perspectiva, a mobilidade das fronteiras permite a ampliação de possibilidades para contextos africanos, por um lado; por outro, a defesa do kapa para a ortografia vai simultaneamente expondo realidades internas fortemente influenciadas pela língua inglesa. Dessa forma fronteiriça de observação, há a proposta de considerar na nação o processo de ‘internacionalização’, com seus aspectos positivos e negativos. Equivale a considerar o quanto valores externos de fonte americana e mesmo outras constituem, hoje, também, uma faceta da identidade moçambicana.

Focalizar os fluxos de trânsito nos permite também considerar o retorno; é a partir do espaço de trânsito, conforme afirma Augé, que se pode voltar o olhar para o território interno e as configurações da globalização em um sentido mais profundo. O aeroporto, como espaço de trânsito, nos possibilita refletir acerca de dois pontos de análise: Moçambique vista de fora para dentro e de dentro para fora. Na perspectiva dúbida de trânsito, observam-se também os processos de absorção no espaço interno.

Dentro dessa compreensão, a crônica “Mulher roxa em vestido laranja”, que também compõe *Cronicando*, em diálogo com a crônica “África com Kapa?”, nos possibilita observar tal proposta, seguindo a sugestão da condição de fronteira, em perspectivas distintas, mas que necessariamente não se opõem. São formas de projeção da nação que se dão simultaneamente no território.

Na crônica, “Mulher roxa em vestido laranja” observam-se os comprometimentos com padrões externos que interferem diretamente nas estruturas sociais e que vão funcionar como elemento de distinção social e promoção de desigualdades entre os que detêm o poder nas esferas política e financeira em detrimento da maioria do povo. Metaforizando a estratificação social, as personagens da narrativa são identificadas distintamente. Os poucos poderosos têm nomes e cargos.

Por exemplo, Alcides, empresário, ex-dirigente. Em contrapartida, o grupo de trabalho se designa as “limpadeiras”. Concorrem para essa relação metafórica as características físicas que distinguem e individualizam as elites: “Apresento, de início, a Luzinha. Introduzo, em seguida, o Alcides. O bigode amplo mais merecendo o nome de trigodes”. (COUTO, 1991, p. 73). Em contrapondo, o povo, sem nome e rosto, tem como marca a uniformização, “com suas fardas cor de laranja” (COUTO, 1991, p. 74).

O autor lança mais uma vez mão do humor e dos jogos linguísticos para nos fazer perceber as escalas das relações entre as elites internas, seus acordos com as externas, seus olhares para fora e o esforço para desvincularem-se das classes populares. Estamos, assim, diante de um caso de trânsito com natureza conservadora.

Com ambientação urbana que, pelas referências de escalas governamentais, nos sugere se tratar de Maputo, e centralizando o enfoque nas relações familiares e conjugais, o autor constrói um panorama político-social que percorre os caminhos tomados desde a independência por aqueles que tiveram o compromisso com as mudanças prometidas e que, por fim, adotaram outros princípios e valores e que não se parecem com aqueles dos tempos de lutas.

Apresento, de início, a Luzinha. O que ela era, já foi. Ninguém hoje que a reconhece. Antes, ela existia em simplicidade, mais miúda que chuva. Agora lhe subiram os ombros, promoveram-se pestanas, mudou quando a Luzinha? Foi quando seu marido, o Alcides, transitou de *Lada* para *Toyota*? Coincidência verdadeira, dizia a vizinhança, vendo-a passar mostradiça, em espetáculo de si mesma. Mulher de dirigente fui, agora sou esposa de empresário, autor de vários business. Palavras dela em salivas de luxo. (COUTO, 1991, p. 73).

A apresentação da personagem abarca as transformações, pois informam as questões ligadas às influências externas, ao ícone da produção e consumo capitalista: “... transitou de *Lada* para *Toyota*”. Do grupo que assumiu a liderança política após a libertação, os dirigentes passam à condição de negociantes, empresários, cujos vários “*business*” exploram a nação. A palavra que surge das “salivas de luxo” já nos sugere a parceria e combinação entre interesses nacionais e externos, sejam americanos ou outros.

O trânsito, em uma perspectiva de mão-dupla, contempla, assim, o retorno que vai encontrar o processo de absorção de bens e dos valores no espaço interno.

Sucedeu que o Alcides, numa das suas saídas ao exterior, trouxe mais um vestido para sua esposa. Cor da moda, laranja-lustroso. Quase atangerinado. A luzinha, rebolosa, se meteu pela peça adentro. Ela já tinha vantagem de carnes, mas com o vestido se aparentava um citrino ambulatório. (...) Luzinha não levou o carro que lhe cabia. Foi a pé como convinha a um desfile alegórico”. (COUTO, 1991, p. 74).

Em versão ensaística a situação é explicada em razão de que “Os nossos endinheirados-às-pressas não se sentem bem na sua própria pele. Sonham em ser americanos, sul-africanos. Aspiram ser outros, distantes da sua origem, da sua condição”. (COUTO, 2005, p. 24).

Na sequência da narrativa, com mais humor, nos são apresentadas outras situações dessa relação desigual que tem seus representantes locais. Um grupo que não quer ser confundido com o seu semelhante e busca padrões de fora, pagando para ser o que não é, à custa da exploração e desprezo pelos da terra. “Foi quando, de um anónimo muro, veio o chamamento: –Psst, eh wena!” (COUTO, 1991, p. 74). Interessante o chamamento em língua nacional que, de forma precisa no contexto da narrativa, funciona como uma convocação às origens. Diante da indiferença da personagem ao chamamento: “A voz, porém, insistia: –Ei, mamã. Deixa lá as brincadeiras, não vê as suas colegas todas a varrer?” (COUTO, 1991, p. 74).

A atitude da personagem reflete o descaso, o desprezo aos seus pares nacionais diferenciados socialmente. Mas a sua igualdade interna é lembrada. Os padrões para diferenciação, buscados fora, não funcionam e provocam o equívoco na comparação com a maioria da população, que “formiga”. Termo que, pela incorporação de condição verbal trabalhada pelo escritor, funciona como metáfora de quantidade e de força de trabalho ativa dentro do contexto moçambicano frente às elites.

A esposa do empresário se deteve. Colegas? Olhou em volta, fazendo subir os óculos. Foi então que viu as mulheres da limpeza, formigando a avenida com suas fardas cor de laranja. Entendeu: estava a ser confundida com as limpadeiras, por motivo do novo vestido. Num instante, vaidade se converteu em fúria. (COUTO, 1991, p. 74).

Mia Couto e Mia Couto, ficcional e ensaísta, dialogam e demonstram literariamente uma aproximação com o pensamento de Ki-Zerbo em relação à complexidade do processo de globalização. Observamos no texto que as condições podem confundir-se, em uma aparente igualdade entre valores internos e externos. Com

humor nos é apresentada a confusão, tendo como eixo metafórico a cor laranja do vestido importado e do uniforme das mulheres do serviço de limpeza das ruas.

A semelhança cromática das vestimentas vem reforçar os lugares de pertencimento moçambicano no mundo em contexto de globalização. A importação de bens de consumo não funciona para desfazer as condições sociais e econômicas que diferenciam as personagens desse processo no qual, no dizer de Ki-Zerbo, há “globalizadores e globalizados”:

Em outras palavras, não se globaliza inocentemente. Penso que dificilmente poderemos ter um lugar na globalização, porque fomos desestruturados e deixamos de contar como seres coletivos. Se você comparar o papel de África com o dos Estados Unidos, verá dois pólos da situação na globalização: os globalizadores, que são os Estados Unidos, e os globalizados que são os africanos. (KI-KERBO, 2006, p. 23).

As “saídas” de Alcides ao exterior guardam transações de ordem financeira. Contrariada e “raivabunda” com a confusão em função do vestido, Luzinha dispara: “Trouxeste menos dólares por razão desta casca de tangerina? O Alcides rascunhava argumento, sublinhando os custos, você sabe, querida, a moda lá na Europa”. (COUTO, 1991, p. 74).

Em paralelo com o texto ficcional, temos a abordagem direta da situação:

O colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno e de executores. O actual colonialismo dispensa colonos e tornou-se indígena em nossos territórios. Não só se naturalizou, como passou a ser co-gerido numa parceria entre ex-colonizadores e ex-colonizados. (COUTO, 2005, p. 11).

Desde os títulos, que antecipam sentidos e estratégias literárias, *Cronicando* e *Pensatempos*, encontramos sugestões e indícios das percepções do autor em relação às realidades do país, construídas a partir de reflexões que se fazem em perspectiva sincrônica e diacrônica. “Cronicando”, pelo acréscimo do componente verbal, sugere-nos processo contínuo de observação do cotidiano e, no jogo do escritor, indicia a permanência de uma observação pela perenidade dos fatos, de situações. “Pensatempos” configura igualmente a permanência e concomitância de observação dos tempos, atualizando, com o neologismo, o conceito de tempo que passa, trazendo a ideia de que tempos passados devam ser pensados conjuntamente com o presente. A observação do passado permite, portanto, reconhecer os problemas dos contextos atuais. A leitura conjunta das obras, em chave intertextual, nos permite compreender que:

É importante fazermos nova luz sobre o passado, porque o que se passa hoje nos nossos países não é mais do que a actualização de conviências antigas entre a mão de dentro e a mão de fora. Estamos revivendo um passado que nos chega tão distorcido que não somos capazes de o reconhecer. (COUTO, 2005, p. 14).

As personagens em suas atuações sociais e políticas no contexto do país metaforizam a permanência de práticas e papéis. Não se pode fechar os olhos ao fato de que:

De muitas formas, a colonização foi uma co-invenção. Ela tanto foi resultado da violência ocidental, quanto do trabalho de seus auxiliares africanos em busca de lucro. Onde havia falta de colono branco para ocupar o território, os poderes coloniais geralmente recrutavam os negros para colonizarem seus próprios conterrâneos (*congêneres*) em nome da nação metropolitana. (MBEMBE, 2001, p. 190)

Estas reedições precisam ser identificadas para que a busca por mudanças não se guie por equívocos. Nesse sentido, seguindo a reflexão sobre a proposta semântica para os títulos, encontramos em Noa considerações sobre o contexto moçambicano que são afins com os textos ficcionais e de opinião enfocados, visto que “... discutir o passado não é só para saber o que aí aconteceu nem para saber como ele influencia o presente, mas também o que ele é realmente, se está concluído ou continua sob diferentes formas”. (NOA, 1999, p. 60).

Revelam-se também, nos textos de Couto, os abusos de poder e as combinações e favorecimentos entre os grupos empresarial e político. É a personagem quem decide e impõe: “– Pois ficas sabendo: não sou eu que vou mudar de vestido. ” (COUTO, 1991, p. 75).

Ao que, em contextos dos ensaios, se ajusta o comentário: “Servem-se do erário público como se fosse a sua panela pessoal. Envergonha-nos a sua arrogância, a sua falta de cultura, o seu desprezo pelo povo, a sua atitude elitista para com a pobreza”. (COUTO, 2005, p. 25-26).

São questões familiares e pessoais que se põem acima de interesses coletivos e que podem determinar decisões em esfera administrativa. Na sequência narrativa, temos: “Então ela lhe ditou a ameaça: tens bons conhecimentos lá em cima, vais escrever a pedir que mudem a farda dessas mulherzinhas”. (COUTO, 1991, p. 75). E o

reforço da ameaça revela a corrupção: “Se ele não fizesse, ela denunciaria seus esquemas, subornos, notas por fora da manga”. (COUTO, 1991, p. 75).

Distantes cronologicamente em uma década, os textos de opinião produzidos entre os anos de 2000 e 2005 parecem conter comentários diretos das situações trabalhadas ficcionalmente na coletânea das crônicas publicadas em jornal entre 1989 e 1990. Ao trecho acima e ao conjunto da narrativa, podemos associar:

A verdade é esta: são demasiado pobres os nossos “ricos”. Pior: aquilo que exibem como seu, é propriedade de outros. É produto de roubo e de negociatas. Não podem, porém, esses nossos endinheirados usufruir com tranquilidade de tudo quanto roubaram. (COUTO, 2005, p. 23).

A solução encontrada pelo marido de Luzinha, o Alcides, no contexto familiar, é similar às soluções do empresário e de dirigentes moçambicanos para camuflar situações sem atenderem, de fato, às exigências e necessidades do povo. Para a narrativa, há esta a saída: “Entrequando, Alcides descobrira a solução. Tingiria o vestido, pela caladinha da noite. Assim fez, mergulhando o assombrado vestido em tinta roxa. Sim roxo, cor inequívoca, sem azo para confusões”. (COUTO, 1991, p. 75).

O desmascaramento das estratégias do Alcides não tarda:

Foi assim que, em plenos festejos centrais, deu entrada o casal. Ele envergando seus bigodes. Ela trajando o vestido ex-laranja, roxobilitado. Luzinha voltava ao centro do universo.

(...)

A dança já levantava bastas poeiras. Luzinha já transpirava das Antilhas, digo, das axilas. Foi então que se deu o fenómeno. A esposa do milionário se convertia numa outra cor, desbotando-se os panos em sua luzidiurnas carnes. Luzinha passava a Roxinha, sua nova alcunha. (COUTO, 1991, p. 76).

O vestido roxo desbota. É superficial e o tingimento mal feito, providenciado às pressas, para atender necessidades “emergenciais” dos emergentes empresários, ex-dirigentes. Não resiste. Isso nos convida a pensar que toda essa “tinta” superficial que encobre realidades moçambicanas não resistirá. Sobre a tristeza do marido, no desfecho humorado, suposições que vão ao encontro do estado de confusão entre público e privado: “Desgostos de amor, defendem os românticos. Medo da Luzinha meter a boca num xipalapala em sopro público de privados e comprometedores segredos — versão mais realista de que sabe de quantas cascas se faz um ovo”. (COUTO, 1991, p. 76).

A inclusão de palavra de língua local, “xipalapala”, remete-nos a outro retorno às questões e contextos moçambicanos. É partir de onde e de quem sairá o “sopro público”. Em textos ficcionais e de opinião, a relação entre culturas se liga à interpretação de contornos que desenham relações menos de troca do que de domínio de uma parte sobre outra, o que nos remete à fala da personagem sobre a alternância entre as sombras de “abacateiro” e “mangueira” sem que se mude a condição de submissão. Nesse episódio não existe uma convivência interativa, mas sim de superposição e exploração, aproximando-se aos moldes da colonização portuguesa. Apesar de ser um tipo de relação que não favorece a imagem positiva do espaço moçambicano, não pode ser ignorada como constituinte da identidade moçambicana na contemporaneidade: “A verdade é simples: esses jovens estão mais à vontade diante de um vídeoclip de Michael Jackson do que no quintal de um camponês moçambicano”. (COUTO, 2005, p. 9).

A abordagem do trabalho privilegiou essa perspectiva, contudo, não são desconsideradas relações de trocas culturais valorizadas em textos coutianos que preveem para a permanente formação das identidades locais a absorção de valores externos que, com a passagem do tempo, foram incorporados e reapropriados no território. A diferença relativamente às anteriores, analisadas acima, é a ausência (ou menor presença) da imposição político-econômica. Relações nas quais ao elemento representativo caracterizador de identidade se acrescentam elementos que não produzem a eliminação do mesmo. Conforme observa e valoriza Couto:

Tudo produto que foram introduzidos em Moçambique e em África. Mas aqui se coloca a questão: essas coisas acabam sendo nossas porque, para além da sua origem, lhes demos a volta e as refabricámos à nossa maneira. A capulana pode ter origem exterior, mas é moçambicana pelo modo como a amarramos. E pelo modo como esse pano passou a falar connosco. O coco é indonésio, a mandioca é mais latino-americana que a Jennifer Lopez, mas o prato que preparamos é nosso, porque o fomos caldeando à nossa maneira. (COUTO, 2005, p. 15).

Frente à capulana, porém, o vestido laranja da mulher roxa está longe de representar configurações resultantes de relações de troca. O vestido, seu tingimento e desbotamento apontam para processos de identidades que se desfazem, desmancham, desbotam.

Em ambas as vertentes literárias, Mia Couto confirma a sua própria percepção sobre compromisso do escritor: “Porque o compromisso do escritor é com a verdade e com a liberdade. (COUTO, 2005, p. 59); ao mesmo tempo, particulariza a reflexão para

o caso do escritor moçambicano: “Os escritores moçambicanos cumprem hoje um compromisso de ordem ética: pensar este Moçambique e sonhar um outro Moçambique” (COUTO, 2005, p. 63); e mantém, finalmente, afinadas suas considerações sobre os contextos pós-independentes de Moçambique reinventados literariamente por via do humor, muitas vezes, nas crônicas e em suas “interinvenções”. Tomamos as duas crônicas para observar que, por vezes, preferências pelos valores culturais importados têm raiz na perspectiva que norteia os comportamentos de grupos detentores dos poderes político e financeiro, que por sua vez, impõem distinções sociais que excluem a maioria do povo. A temática e a abordagem são apresentadas também em alguns textos de opinião que compõem *Pensatempos*, com ênfase para “A fronteira da cultura”, palestra realizada para a Associação Moçambicana de Economistas, em 2003, e “Pobre dos nossos ricos”, publicado no semanário Savana em 2002, possibilitando-nos promover a intertextualidade entre as referidas produções coutianas.

Coerente em suas produções que se caracterizam por fronteiras entre o ficcional e o real objetivamente vivenciado, elegendo a crônica, que tem especial propensão para transitar entre a ficção e o relato social e, os textos de opinião, de expressão direta do autor, Mia Couto escreve uma África que não se quer e nem pode estar estancada em modelos fixos, mas que tem e participa de fronteiras flexíveis, que se inserem originalmente nas configurações do mundo contemporâneo.

Nessa perspectiva fronteiriça, Mia Couto propõe que o espaço moçambicano não deve estar encoberto em sua diversidade nem em suas contradições. É assim que esse espaço se configura, e reconhecendo-se e dando-se a conhecer, buscará caminhos para os problemas que interferem nas questões de justiça humana e social. Mia Couto, assim, escreve uma África de possibilidades abertas e diversas, que a tornam múltipla, complexa, contraditória: possibilidades e complexidades que precisam ser vistas, pensadas em perspectiva igualmente plural, para busca e construção de soluções para os problemas do continente:

A África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. Nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimônios do nosso continente. (COUTO, 2005, p. 19).

Nesse sentido, na elaboração literária, a letra k, inserida não por acaso em vocábulo que nomeia o continente, figura como mais um componente incorporado ao espaço, representando uma faceta importante da identidade e expressando nas entrelinhas a concepção de Milton Santos: “o espaço é a acumulação desigual de tempos” (2012, p. 54). Definição que se pode perceber não apenas geograficamente, mas também em outros espaços subsistentes na geografia, como aos que nos conduzem ao ponto de vista linguístico, concentrando na palavra, ortograficamente modificada, paisagem e espaço (Santos, 1988, p. 21-25).

Mia Couto parece nos sugerir que é contextualizando o espaço “Áfrika”, no todo e na particularização, Moçambique, em suas diversidades, que se poderá construir relações mais de troca do que de explorações, conforme reitera:

Afinal, não sou eu apenas que, enquanto beirense, sou atravessado por dualidades. Todos os cidadãos moçambicanos partilham a mesma condição: navegadores entre culturas, inventando permanentemente modos de adaptação que dão vantagem às trocas politicamente mais eficazes, ideologicamente mais convincentes, tecnologicamente mais apuradas e socialmente mais promissoras. (COUTO, 2005, p. 153)

As produções analisadas, ficcionais e ensaísticas, sendo centradas em seu país, na sociedade local, oferecem aos leitores, como temos observado, elementos de contextos humanos e sociais que não se limitam a concepções de fronteiras geográficas. Mia Couto, segundo ele próprio, centra seu interesse em algo mais abrangente: “Como escritor a Nação que me interessa é a alma humana”. (COUTO, 2005, p. 96).

Nas geo-grafias de Mia Couto, as identidades moçambicanas são inscritas também em uma dimensão ortográfica para, a partir daí, serem repensadas em sentido mais amplo e humanizado do que aquele que tem sido posto em prática historicamente pelos fluxos do local para o “global”. Sobre a concepção de possibilidade gráfica e geográfica, em suma, Mia Couto nos convida à compreensão de que:

Essa humanidade produziu infinitas respostas adaptativas. O que podemos fazer, nos dias de hoje, é responder à globalização desumanizante com uma outra globalização, feita à nossa maneira e com os nossos propósitos. Não tanto para contrapor. Mas para criar um mundo plural em que todos possam mundializar e ser mundializados. Sem hegemonia, sem dominação. Um mundo que escuta as vozes diversas, em que todos são, em simultâneo, centro e periferia. (COUTO, 2005, p. 155).

Mia Couto nos faz perceber que em África houve e vem sendo mantida uma conversa entre espaços, línguas e identidades que poderá contribuir para a criação de melhores condições de acomodar essas “vozes”.

2 UMA ESCRITA A PARTIR DA BEIRA: CONVERSA DE MOÇAMBIQUE COM O MUNDO

A importância da Beira, cidade moçambicana em que nasceu Mia Couto, em sua obra é confessadamente reconhecida pelo escritor. Em entrevistas e textos, o escritor reitera a influência do seu lugar em sua produção.

Em entrevista a Omar Ribeiro Thomaz e Rita Chaves, questionado sobre o reflexo da mesclagem cultural moçambicana em seus textos, o escritor comenta:

A explicação tem que recorrer à política de assimilação portuguesa: ao contrário do esperado, ela funcionou nos dois sentidos. Funcionou no sentido de assimilar um pequeno segmento de negros (nas zonas urbanas e litorâneas) a uma cultura portuguesa, e, no sentido inverso, filhos de portugueses também foram assimilados. Essa política foi assim, também dirigida pela própria vida. Sobretudo nas zonas de fronteira, como era a cidade onde nasci: as fronteiras estavam na minha rua, na porta da minha casa. Eu nasci e cresci na Beira, junto a bairros negros, aprendi a falar muito novo a língua local, escutei histórias. Sou marcado por essa dualidade, casa e rua, que me fez viver dois universos. (THOMAZ e CHAVES, 1998).

Pluralidade e multiplicidade são marcas da produção literária coutiana, perceptíveis nos diferentes gêneros pelos quais transita, e também na especificidade de cada um dos gêneros em si. Capaz de ser múltiplo em um, Mia Couto nos obriga a um esclarecimento prévio sobre qual deles será tratado em cada passo da análise: o poeta, o contista, o jornalista, o cronista, o romancista, o ensaísta. E isso apesar de sabermos que em sua obra esses mesmos rostos artísticos se confundem em textos cujas fronteiras, bem a gosto do autor, mais se aproximam do que se separam.

A aproximação de fronteiras de gêneros textuais em sua produção constitui-se como mais uma faceta de sua condição beirense bem percebida em seus ensaios. Essa condição é tão afinada que vemos textos inseridos em *Pensatempos* que conjugam a condição de ensaio-crônica e crônica-ensaio, tão literariamente fronteiriços que nos impedem rígidas classificações. Em fragmentos de um texto ensaístico, há passagens que se apresentam em formas características de relato de crônica e com uma elaboração de dimensão poética: “E a Beira, a minha Beira, essa que eu lembro da minha inacabada

infância, é esse lugar inventado à medida do meu sonho e da minha saudade”. (COUTO, 2005, p.154).

Uma escrita a partir da Beira, considerando as análises que o autor tem do seu lugar, ultrapassa as fronteiras de espaços geográficos e sociais e estabelece outro tipo de compreensão que se acomoda na multiplicidade que essa cidade, seu “cordão umbilical depois de nascido”, oferece a sua vida literária e a sua visão de mundo.

Uma escrita a partir da Beira vai ao encontro da multiplicidade que, segundo o próprio autor, caracteriza essa cidade, influencia a sua condição de moçambicano e o impulsiona a ter um olhar plural, sem foco único, mas que, sendo panorâmico, por assim dizer, contempla o todo sem perder a percepção dos elementos componentes.

Mia Couto nos explica a sua escrita e nos convida, também nesse aspecto, a compreendê-la a partir da Beira: “Regresso, por fim, ao universo da escrita literária. Só se escreve com intensidade se vivemos intensamente. Não se trata apenas de viver sentimentos, mas de ser vivido por sentimentos”. (2005, p. 49).

O autor não se rende à condição de escritor africano que se restringe a temáticas “africanas”. Desafia os parâmetros que se querem definidores para a classificação e tematiza questões sociais que tocam também o lado universal da(s) África (s). Em seus textos de opinião, Mia Couto confirma o compromisso de escritor africano universal e avança para a construção de tempos de “trocas mais promissoras”, nas quais Moçambique e a África participam ativamente nos processos de desenvolvimento do mundo. Nesse sentido, com a vasta multiplicidade de temas que são abordados em *Pensatempos* e a pluralidade humana que em tais abordagens se insere, o escritor apresenta as propostas que nos dão base para, também nessa perspectiva, encontrar possibilidades de respostas que possam negar os certificados de autenticidade para a escrita literária africana, que comumente visam situar o artista do continente em um lugar fixo. Posicionando-se contrariamente observa:

Pense-se, por exemplo, na produção cultural dos africanos. Em lugar de valorizar a diversidade dessa produção e olhar o livro como produto cultural substitui-se a apreciação literária por uma visão mais ou menos etnográfica. A pergunta é – quanto esse autor é “autenticamente africano”. Mas o livro e o autor precisam passar por essa prova de identidade. Ou de uma certa ideia de identidade. (COUTO, 2005, p. 62).

A África que reflete a origem africana é a África que retoma a identificação das complexas mestiçagens que existiram e possibilitaram o cruzamento das vozes. Nessa compreensão, Mia Couto coerentemente vai mostrando que a diversidade de África continua a existir. Avançando para o contexto contemporâneo, vai, sutil e enfaticamente, firmando o que é, de fato, tradicional (a complexa confluência de povos e culturas). A diversidade de enfoques dos textos constrói a compreensão de que: “África não pode ser reduzida a uma identidade simples, fácil de entender e de caber nos compêndios de africanistas. O nosso continente é resultado de diversidades e de mestiçagens”. (COUTO, 2005, p. 60).

Com consciência de que o tradicional em África permanece na contemporaneidade, reelaborando-se permanentemente, Mia Couto propõe outros critérios para avaliação da produção cultural. A África, nessa perspectiva, não precisa estar apartada do processo, exatamente pela riqueza que lhe confere o tradicional baseado em sua diversidade e mobilidade; nem tem que estar restrita a um passado que não mais se encontra ou nunca existiu. Antes é a capacidade de adaptação e reinvenção que confirma sua natureza tradicional. Coerentemente, contrariando os paradigmas mais conservadores impostos para a classificação de literatura africana, o autor nos oferece a visão de que o escritor será africano tanto mais possa ver a partir de e em África a diversidade de vozes que por esse espaço circulam. E isso se deu também pela via negativa: por um lado, no passado, com explorações diversas do humano, da terra e seus recursos e que hoje, por outro, se apresentam disfarçadas muitas vezes de ajudas humanitárias. Mas também com contribuições que formam um mosaico humano e cultural que caracterizam o continente africano.

Com base nessa ideia de africanidade que prevê a pluralidade e a mistura, que se pode entender também como marca do tradicional (que para o autor, nunca é fixo), Mia Couto traz ao seu texto temáticas sobre as quais o ponto de vista do cidadão moçambicano é o ponto de vista do cidadão do mundo. Com essa estratégia argumentativa, foge da armadilha de reafirmar atitudes excludentes em nome da tradição:

Mais tarde, o Estado nacional usou a tradição – ou seja, o princípio da diferença e da não-similaridade – como um forma de governo em si mesma. Específicas formas de conhecimento foram produzidas com este objetivo. Seu propósito era canonizar a diferença e eliminar a pluralidade e a ambivalência da tradição. O paradoxo deste processo de reificação era que,

de um lado, ele parecia ser o reconhecimento desta tradição, enquanto de outro constituía um julgamento moral, porque, em última análise, tal tradição se tornara específica apenas para melhor indicar a extensão na qual o mundo do nativo, em sua naturalidade, não coincidia, de forma alguma, com o nosso; em suma, ele não era parte de nosso mundo, e, portanto, não podia servir como base para uma *experiência de convivência em uma sociedade civil*. (MBEMBE, 2001, p.179)

Mia Couto olhando panoramicamente o espaço interno e projetando-o para fora, de modo a contextualizá-lo e inseri-lo no continente e no mundo, vai repensando, desde o início da sua produção literária, formação da identidade moçambicana.

A perspicácia do escritor aponta o tradicional exatamente para a contemporaneidade, também nesse aspecto diluindo fronteiras rígidas, percebendo a fluidez das mobilidades identitárias com um traço da identidade do lugar. Assim, contribui para renovação de conceitos sobre o continente africano e alerta para antigas e novas concepções que, mesmo bem-intencionadas, acabam por promover uma redução do continente e o distanciamento em relação ao todo. Nesse sentido, como constata Pires Laranjeira, o escritor moçambicano, com uma visão ampla e inovadora, ilumina rumos sociais e literários: “Assim tem sido Mia Couto: uma lanterna literária e cívica à procura do humano nos escombros da desumanização”. (LARANJEIRA, 2002, p. 4)

A preocupação com a diversidade de espaços moçambicanos e do mundo, que tem origem em seu primeiro espaço de afetividade com as trocas, a Beira, leva o autor a enfatizar a diversidade dos elementos humanos que, por sua vez, introduzem em seus textos o desejo de valorização de outra lógica de compreensão do mundo. Em “Vozes da foto”, encontramos formulações que cabem em sua produção ensaística especificamente, mas não apenas:

Ao ler as imagens desses fotógrafos dou-me conta de que, para além da visão, outros sentidos são convocados. Eu não apenas *vejo*. Eu *ouço* a fotografia. O contato visual acorda em mim sons que deveriam ter rodeado o momento fixado em imagem. Apto apenas para inscrever a imagem, o papel não foi capaz de expulsar as vozes. Vitória do mundo da oralidade ainda dominante em África: a mancha gráfica sujeita-se ao poder do verbo. A imagem é tanto mais bela quanto ela for auditiva, evocando sonoridades do momento. A escrita (e a foto enquanto um modo de escrita) é vencida por uma outra lógica. Nesse jogo de miragens e ilusões, África desnuda-se para melhor se ocultar. Aqueles que acreditam ter focado essências apenas tocaram aparências em movimento”. (COUTO, 2005, p. 75).

Em sua condição de “lanterna”, Mia Couto vai apontando as equivocadas percepções que tentam diminuir a África e o escritor africano (“essências”) e, concomitantemente, iluminando outras visões mais identificadas com o continente, (“mobilidade”). Mais do que ver, é preciso ouvir África, segundo ele. Entendendo-se que:

Não poderia ser de outro modo. O que aconteceria se, ao inverso, uma centena de fotógrafos africanos tivesse percorrido a Europa? Assumiriam eles a pretensão de terem captado a alma do velho continente? Certamente sentiriam que a Europa tinha escapado do retrato. África faz o mesmo: ilude essa identidade que outros lhe conferiram, driblando os mitos redutores e folclóricos que tendem a servir-lhe de moldura. (COUTO, 2005, p. 75).

Dentre as múltiplas possibilidades que a coletânea de textos de *Pensatempos* nos oferta, com assuntos tão diversos que incluem futebol, música, biologia, fotografia, literatura, cinema, ecologia, política nacional, política internacional, artes, tecnologia e tantos outros mais nos quais o autor constrói um solo para englobar gentes de todos os continentes, Mia Couto nos escreve uma África de vozes, elemento unificador. E nos guiaremos por esse fio condutor para confirmar a referida pluralidade que lhe inspira a Beira.

A diversidade temática dos ensaios é contrariada pela unidade do imaginário, em particular no que se refere à aproximação de fronteiras entre África e o mundo, efetuada pelas vozes. Ao nos dizer do seu aprendizado sobre as vozes, ele olha para o espaço rural moçambicano em diálogo com sua urbanidade, trazendo ainda para a conversa outros povos, como os árabes, que também fazem parte desse contexto, tanto quanto o pescador e o biólogo. Mia Couto cria na exposição ensaística um relato com tom literário para demonstrar a pluralidade de povos e vozes de seu país:

Foi um pescador moçambicano que me alertou para essa dimensão sonora. Ele me levava na sua pequena canoa através da baía de Inhambane para ver se encontrávamos dugongos, esses mamíferos marinhos já extintos. Eu levava a tiracolo a infalível máquina fotográfica para fixar um desses poucos prováveis encontros no mar. O pescador trabalhava o vento, afeiçoando as brisas aos panos brancos. As velas eram essas triangulares, herança secular dos navegantes árabes. O vento assobiava entre as velas. Eu preparava-me para fotografar quando ele me advertiu: — Não fotografe agora que está um vento muito assobioso, deixe virar um pouco o concho! (COUTO, 2005, p. 76-77)

Nessa perspectiva humana e culturalmente diversa, para o olhar ocidentalizado, anestesiado aos fenômenos da natureza, Mia Couto entrelaça vozes seculares e vozes contemporâneas. A narrativa permite repensar os marcos “tradicionalmente” confirmados daqueles que insistem em, mesmo negando, balizarem África pelos seus códigos “inauguradores” portugueses. Entendemos, como o autor, que: “Este continente é, ao mesmo tempo, muitos continentes. Os africanos são um entrançar de muitos povos. A cultura africana não é uma única, mas uma rede multicultural em contínua construção.” (COUTO, 2005, p. 79).

É essa mobilidade identitária elaborada por uma “contínua construção”, que caracteriza a diversidade que, segundo o autor, é a riqueza do continente. Pensando os tempos, Mia Couto nos demonstra o quanto o pescador pode, ainda, orientar-se pelas velas de antigas navegações árabes e os três elementos humanos, culturalmente distintos, podem estar no mesmo concho contemporaneamente.

Nas diversas possibilidades de compreensão literária da Beira coutiana, incluem-se as dualidades, que se tornam plurais no espaço interno e que, por isso, superam as dicotomias habitualmente aceitas como verdadeiras. Em vez de observá-las apenas como oposições, Mia Couto nos faz percebê-las na perspectiva da multiplicidade humana que o seu país acolhe. Tomemos como exemplo a noção de dupla nacionalidade, conceito muito complexo nos dias de hoje: “Nação que o interessa é a alma humana”. (COUTO, 2005, p. 96). Cada temática trazida aos textos da coletânea participa de uma construção em que os assuntos são base para destacar um elemento comum: o humano e as questões que o envolvem sob aspectos mais flexíveis. Dessa forma, o assunto futebol vem por Eusébio, consagrado jogador da seleção portuguesa de futebol, para que se ofereça um olhar sobre a dupla nacionalidade na dicotômica perspectiva moçambicana e portuguesa. A partir daí, o autor abre o leque para que se observem as multiplicidades étnicas que, sucessiva e continuamente, pluralizam as identidades internas, confirmando a riqueza humana e a impossibilidade de enquadramentos em rótulos redutores. A diversidade interna que decorre também de fatores históricos e de decisões ideológicas e pessoais impossibilita a fixação de fronteiras identitárias.

Hoje algumas das perguntas possíveis poderão ser: sou um branco moçambicano ou um moçambicano branco? Sou um indiano africano ou um africano indiano? Sou um mulçumano moçambicano ou vice-versa? Parece a

mesma coisa, mas nem sempre o é. Podemos ser diversas coisas ao mesmo tempo. O erro é quando queremos ser apenas uma. (COUTO, 2005, p. 87).

E ainda, mais diversos, aponta-nos mais complexidade:

O debate da dupla nacionalidade em Moçambique sempre ficou muito contaminado pelo facto de pensar que se está a debater a acumulação da nacionalidade portuguesa e moçambicana. Na realidade, porém, o assunto é muito mais amplo que isso. Não podemos esquecer a história ambivalente e arbitrária das nossas fronteiras. Quantos milhares de moçambicanos têm a sua história dividida entre o serem moçambicanos e zimbabweanos, sul-africanos, malawianos, tanzanianos, zambianos, swazis? E mais ainda: se considerarmos que existiam não etnias, mas nações historicamente definidas, então é perfeitamente natural que um cidadão moçambicano se sinta pertença da nação moçambicana moderna e da nação shona. (COUTO, 2005, p. 92-93).

Essa pluralidade de identidades que caracteriza o humano é demonstrada não somente em relação aos moçambicanos. O relato de experiência vivida nos tempos em que era jornalista na companhia de um colega de profissão, o qual a cada vez que encontrava, apresentava-se com diferentes definições, serve para sublinhar novamente a complexidade do fenômeno humano e a impossibilidade de sua definição por um único selo: “... nessa altura eu teria conhecido um jornalista que, ao apresentar-se, proclamou com todo orgulho “eu sou jugoslavo”. (COUTO, 2005, p. 85-86). Em outro momento: “Mantivemos correspondência e, nos anos 90, em plena guerra dos Balcãs, o mesmo homem me dizia com igual fervor: “não te esqueças que, antes de tudo, eu sou um mulçumano”. (COUTO, 2005, p.86). E ainda, em uma fotografia do jornalista: “Por trás estava escrito: eis o retrato de um verdadeiro bósnio”. Por fim, vivendo como imigrante na França: “Hoje eu sei que, primeiro que tudo, sou um europeu”. (COUTO, 2005, p. 86). Apontando-nos a mobilidade de identidades como aspecto do estar humano no mundo, Mia Couto vai reafirmando a contradição que se produz ao exigir que os escritores africanos representem a África a partir de uma condição de rigidez e de estagnação.

O que nos esclarece sobre as variações de identidade do jornalista pode igualmente ser transferido para a questão das pluralidades moçambicanas: “O que aconteceu foi que sua identidade foi desenhada e redesenhada pela própria vida. Aquele homem nunca deixou de ser atacado pela História”. (COUTO, 2005, p. 86). A

concepção de ressaltar o humano serve para demonstrar a irrelevância de caracterizadores fixos de identidades.

Certa vez, alguém perguntou a Ben Harper, um famoso músico americano:
 — Ouvimos dizer que você tem agora um novo baterista na sua banda. Diga-me uma coisa: ele é negro?

E Harper respondeu:
 — Não sei, nunca lhe perguntei. (COUTO, 2005, p. 89).

Os relatos demonstram a variedade de avaliações que a dinâmica contemporânea produz. As diversidades apontam para a compreensão de que:

Em geral, as próprias formas de consciência racial estão mudando em todo o Continente. A produção de identidades raciais para além da oposição binária branco/negro cada vez mais opera de acordo com lógicas distintas, enquanto as velhas demarcações perdem seu aspecto mecânico e se multiplicam as oportunidades de transgressões. De várias formas, a instabilidade das categorias raciais demonstra que há muitos tipos de branquitude e de negritude. (MBEMBE, 2001, p. 193).

A coletânea *Pensatempos* apresenta, como já anunciamos, textos nos quais as vozes mais silenciadas de Moçambique e do mundo são acolhidas e, com elas, podemos ouvir a diversidade de seu país, os Moçambiques e não só. A representação do seu lugar, sua cidade, seu país, seu continente não desconsidera, portanto, o resto do mundo. Mesmo apresentando uma diferença cultural, ela é de natureza universal, porque humana. A condição de escritor africano, moçambicano, beirense, conduz também, pelas mesmas razões, à condição de escritor do mundo. A confluência literária de vozes, contemplando as diferenças internas e externas, propondo fronteiras dinâmicas, reforça o projeto de percepção totalizante do ponto de vista interno, no sentido dado por Rita Chaves:

Essa diversidade que, em certas situações, corre o risco de conduzir a uma dose de incomunicabilidade, pode e deve ser convertida em riqueza, desfazendo-se a sua carga conflitual, o que significa investir em formas de totalização. Considerando a natureza do trabalho literário, a invenção ganhará novas dimensões e é esse um dos papéis que Mia Couto requer para a sua literatura. (CHAVES, 2013, p. 242).

Convertendo-se em um espaço do humano, *Pensatempos* traz vozes do mundo com o objetivo de aproximar fronteiras. Encontramos, nos 18 textos da coletânea,

referências diversas, personificadas ou não. Tais referências partem de uma abordagem sempre crítica para reflexões sobre os processos que afetam (pelo respeito ou pela falta de respeito) a condição humana. Na multiplicidade apresentada por Mia Couto, por encaminhamento didático, exemplificaremos os seguintes: Serra Leoa de Honória Bailor-Caulker em visita aos Estados Unidos, (“A fronteira da cultura” p. 12), um médio sul-africano Mhalakaza, (“A fronteira da cultura”, p. 20) os índios norte-americanos, China, (“Carta ao presidente Bush”, p. 33) Martin Luther King, (“Carta ao presidente Bush”, p. 33), Alexandre Fleming, (“Uma palavra de conselho e um conselho sem palavras”, p. 47) rótulo de casaco italiano, (“Receita para um *Jet-set* nacional”, p. 30,) Danúbio Azul, de Strauss (“Receita para um *jet-set* nacional”, p. 31), Guimarães Rosa (“O sertão brasileiro na savana moçambicana”, p. 106), Revolução dos Cravos (“Rir num Abril, dançar em outro Abril”, p. 51), BBC, (“A mosca ou a aranha”, p. 68), Amin Maalouf, (“Uma cidadania à procura de sua cidade”, p. 85), Mahatma Gandhi, (“Os sete pecados de uma ciência pura”, p. 114) Noé, (“Conservação faunística : uma arca sem Noé?”, p. 127) dentre outras tantas referências. Observemos que o ensaio que encerra a coletânea tem um título que corrobora a proposta mais geral do autor: “Por um mundo escutador”. O livro converte-se em espaço que promove conversas nas quais a África participa em condição de protagonismo, ou então interlocutor privilegiado, tanto quanto outros países e continentes.

Portanto, no conjunto dos textos, para dar conta da multiplicidade de cenários e de abordagens, o autor constrói um diálogo entre nações e continentes e coloca a dimensão humana como centro de suas inquietações. As temáticas diversas, por si só, acabam por configurar-se como pretexto para um pensamento que visa ao humano para lá da raça, do lugar de nascimento, do lugar no mundo.

Mia Couto lança um grito a partir de África para África, mas que repercute no mundo. Confirma em *Pensatempos* a construção de sua “Nação” humana, aquela onde “cada homem é uma raça”, título de um de seus mais célebres livros. Como que utilizando essa capacidade adaptativa do continente, que se encontra no conjunto dos textos de opinião analisados, Mia Couto abre um diálogo com Milton Santos na medida em que, tal como o geógrafo brasileiro, se propõe “uma outra globalização” e, nesse campo, o papel de protagonismo para África. Fazendo interagir forma e conteúdo em seu livro, o autor nos permite identificar aquilo que Santos, em outro contexto, tão bem sintetizou:

Considerando-se o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças aos progressos da informação “a mistura” de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. (SANTOS, 2013, p. 20).

Pensando a nova nação, Mía Couto abandona a ideia que assenta na eterna dependência entre colonizado e colonizador, e também a que valoriza a pureza, comum em segmentos de países recém-libertados, e nos aponta a pluralidade de vozes que, mesmo anteriormente ao processo de colonização, já era dotada dessa condição.

Pensatempos elabora um pensamento que nos possibilita pensar nesse trânsito para o futuro no qual o “passado” é um componente que não paralisa. O livro converte-se em um território onde a África expressa sua condição de agente pleno e se apresenta pensada pelo africano e não por uma ideia ou vontade europeias. E, nesse sentido, reafirma também o seu papel de escritor:

O nosso papel é o de criarmos os pressupostos de um pensamento mais nosso, para que a avaliação do nosso lugar e do nosso tempo deixe de ser feita a partir de categorias criadas pelos outros. E passarmos a interrogar aquilo que nos parece natural e inquestionável: conceitos como os direitos humanos, a democracia, a africanidade. (COUTO, 2005, p. 59-60).

Um exemplo disso é a noção de urbanidade, sobre a qual o autor, que nasceu em uma cidade (e vive em outra) de um país majoritariamente rural, costuma refletir. Para o autor a cidade ilustra a complexidade que pode ser estendida a outras esferas: “A cidade não é apenas um espaço físico, mas uma forja de relações. É o centro de um tempo onde se fabricam e refabricam as identidades próprias de Moçambique”. (COUTO, 2005, p. 153). Ao fim, parece-nos possível entender que o escritor será tanto “mais africano” quanto escreva o seu país e seu continente sem essencializá-los a ponto de provocar imobilidade e, conseqüentemente, isolamento no contexto global, seja ele literário ou político.

Considerando a elaboração literária de *Pensatempos*, enquanto projeto também para o país e seu continente, as características que têm sido analisadas tornam-se motor de escrita para Mía Couto, dentro da perspectiva beirense: a multiplicidade de complexas culturas e relações humanas que configuram África.

Em vários ensaios da coletânea, mantém-se enfático quanto à condição e aptidão africana para a diversidade. O autor faz inclusive um apelo aos intelectuais africanos:

Os intelectuais africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não precisam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de fetiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são, urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito de assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a torna mais diversa e, por isso, mais rica. (COUTO, 2005, p. 61).

Na contramão de muitos parâmetros, parece nos indicar que essa é uma característica que confere uma natureza tradicional e, ao mesmo tempo, de modernidade ao texto africano. Podemos pensar que, desse ponto de vista, África exige que pensemos concomitantemente os tempos. E que também se aprenda a ouvir as vozes. E não apenas se fale sobre elas. Mia Couto apela “por um mundo escutador”, que tem por base o entendimento de que:

Só há um caminho. Que não é o da imposição. Mas o da sedução. Os outros necessitam conhecer-nos. Porque até aqui “eles” conhecem uma miragem. O nosso retrato - feito pelos “outros”- foi produzido pela sedimentação de estereótipos. Pior do que a ignorância é a presunção de saber. O que se globalizou foi, antes de mais, essa ignorância disfarçada de arrogância. Não é o rosto, mas a máscara que se veicula como retrato. (COUTO, 2005, p. 155).

O paradigma excludente que privilegia um mundo escrito precisa, portanto, aprender a ouvir. A aproximação de leituras entre ficção e ensaios nos ajuda a compreender essa linha que orienta o pensamento do autor. Encontramos em *Cronicando* o mundo da oralidade em busca de seu espaço de expressão, que contraria a verticalidade que separa os mundos. A crônica “Um pilão no nono andar”, por exemplo, inicia-se com a voz que se anuncia e que, ao mesmo tempo, faz movimentar o espaço: “Dá lincensss. A voz empurrava o espaço para dentro, criava assunto”. (COUTO, 1991, p. 109). Na narrativa, as reclamações do vizinho face ao barulho produzido pelo pilão também nos remetem à relação entre palavra e espaço: “Calma, eu explico: esse pilão, no nono andar, barulha até lá no chão”. (1991, p. 109). A transposição de valores de um mundo rural de oralidade para contextos urbanos causa incômodos. Se após os acordos, cessa uma questão, surge outra. O pilão desce:

E assim acordaram os dois, o vizinho e o outro. A sobrinha ficou com uma cópia da chave do cadeado e lá pilava no pátio, tunc, tunc, tunc, mas agora só

a terra sofria e ela, a terra, nem queixava. A terra tem tanta paciência com os homens, nem uma mãe! (COUTO, 1991, p. 109).

Observe-se que a citação acima apresenta a mescla de discursos, iniciando em tom de narrativa escrita e, a partir da onomatopeia do pilar, as sequências fundidas marcam expressões de oralidade.

O vizinho volta a reclamar. A convivência do pilão com o automóvel na garagem resulta mal. O movimento de pilar causa avarias no utilitário:

Mas eis um dia: volta o reclamante, cara de azedos. O outro, o do nono, sem compreender: o que se passa, meu amigo? É o barulho? Mas já terminou, o pilão trabalha lá em baixo, conforme nosso acordo audiplomático. (COUTO, 1991, p. 111).

O neologismo, “audiplomático”, como expressão da aproximação de fronteiras, coerentemente trabalhado pelo autor, reúne os dois mundos, mostrando as possibilidades de um entrosamento entre oralidade e escrita, ambos em movimento de pluralização. E prossegue: “O pilão não é, vizinho, mas agora tenho a minha carrinha nova toda riscada, essa sua sobrinha não tem nenhum cuidado...” (COUTO, 2005, p. 111). Considerando a relação metafórica entre o pilão e oralidade, a sugestão da personagem corrobora proposta de um mundo escutador: “Calma, vizinho. Calma que isso se resolve, há sempre um meio. Somos parentes bastante geográficos, não somos?” (COUTO, 1991, p. 111). E, finalmente, vem a proposta, que dá espaço ao pilão: “Não será o senhor, caro vizinho, pode deixar a carrinha cá fora e a garagem fica só exclusivamente com serviço de guardar o pilão”. Que tal, vizinho? Não me responde? (COUTO, 1991, p. 111).

Em correlação com incorporação de espaços e vozes dos ensaios, a crônica em questão mostra a convivência de vozes entre aqueles que são “parentes bastantes geográficos”, seja em relação ao local e ao global, na perspectiva da proposta de universalismo que contempla a diferença, característica coutiana. Corrobora a proposta de interação entre o mundo da escrita e o da oralidade, promovendo um mundo escutador, a especial elaboração literária em que as falas das personagens são incorporadas ao restante da narrativa sem a marca textual que diferencie os diálogos do resto. Dessa forma, encontra-se: “Está certo, compreendeu o queixoso. Mas diga-me uma coisa: agora o elevador já funciona mais outra vez, já repararam”. (COUTO, 1991,

p. 110). Pela aproximação de temáticas nos gêneros, em textos ficcionais e em seus ensaios, Mia Couto se mostra coerente com o projeto de escritor e de cidadão.

A partir da diversidade que o seu país abraça, o autor desfaz fronteiras de saberes e aproxima-os na expressão ensaística com a mesma força expressiva apresentada ficcionalmente na crônica:

A terra onde nasci e vivo – Moçambique – é um país pobre e apenas um pequeno grupo tem acesso àquilo a que chamamos ciência. Mas existem nas zonas rurais gente que, sendo analfabeta, é sábia. Eu aprendo muito com esses homens e mulheres que têm conhecimento de outra natureza e que são capazes de resolver problemas usando uma outra lógica para a qual o meu cérebro não foi ensinado. Esse mundo rural, distante dos compêndios científicos, não tem menos sabedoria que o mundo urbano em que vivemos. Estar disponível para escutar nessa linha de fronteira: essa pode ser uma grande fonte de prazer. (COUTO, 2005, p. 48-49).

O episódio do pescador, narrado em “Vozes da foto”, indicia que o que sobressai nesses textos de *Pensatempos* é o compromisso do escritor com a defesa dos direitos humanos, dentre os quais, o direito à educação. Educação entendida não como assimilação de conceitos alheios aos quais eles não têm acesso e que, por conta de tal distanciamento, consolidam sua exclusão (como ocorreu no tempo colonial, quando as escolas e a universidade foram construídas para os brancos), mas pelo reconhecimento do valor e da necessidade de aprendizagem de saberes outros, inclusive por aqueles que têm pleno acesso aos processos formais de educação. O autor valoriza, assim, a educação que não se pauta por paradigmas que seguem exclusivamente os parâmetros da escrita (que praticamente reduzem a ideia de educação aos estudos formais adquiridos em níveis de escolaridade). Nesse sentido, abre um diálogo com o pensamento de Chico Buarque de Holanda, que nos aponta as artificiais barreiras do saber: “Diz quem foi que inventou o analfabeto e ensinou o alfabeto ao professor...”. (HOLANDA, 1993, p.5).

Em outro ensaio da coletânea, “Águas do meu princípio”, há o relato de todo o aprendizado “escutando os velhos contadores de histórias”. (COUTO, 2005, p. 150). Mia Couto nesses textos, nos conduz ao entendimento de que, como mais diretamente expressa, a diversidade também deve penetrar no conhecimento:

A questão é, portanto, a de um outro conhecimento. Se os outros nos conhecerem, se escutarem a nossa voz e, sobretudo, se encontrarem nessa

descoberta um motivo de prazer, só então estaremos criando esse território de diversidade e de particularidade. (COUTO, 2005, p. 155).

De tal modo inclusivo, *Pensatempos* acolhe tantas e tão diversas vozes que não se restringem a seres humanos, pois se estendem ao vento, aos animais e aos objetos, como, por exemplo, as velas brancas no concho. A promoção de um “mundo escutador” é amplamente trabalhada, trazendo à coletânea esse território de diversidade e particularidade. Propõe-nos:

Conhecemos não para sermos donos. Mas para sermos mais companheiros das criaturas vivas e não vivas com quem partilharmos este universo. Para escutarmos histórias que são, em todo momento, contadas por essas criaturas (COUTO, 2005, p. 49).

No espaço universal do concho, as diversificadas vozes formam igualmente parte do “centro e periferia”. Essas vozes não se contrapõem, se escutam, se “contapõem”.

Em outro ensaio, “Uma palavra de conselho e um conselho sem palavra”, em que aborda aspectos de sua produção literária, afirma: “Muitas vezes jovens me perguntam como se redige uma peça literária. A pergunta não deixa de ter sentido. Mas o que deveria ser questionado era como se mantém uma relação com o mundo que passe pela escrita literária”. (COUTO, 2005, p. 45). E, orientando os jovens sobre o fazer literário, traz a importância das vozes: “Portanto, o único conselho é este: escutar. Tornarmo-nos atentos a vozes que fomos encorajados a deixar de ouvir. Tornemos essas vozes visíveis”. (COUTO, 2005, p. 48). Os abismos criados entre os mundos de letrados e analfabetos surgem também pelos desprezos às vozes de outros saberes. É esse o sentido que faz Mia Couto trazer em consonância esses dois mundos em sua literatura.

Mia Couto, portanto, denuncia em sua literatura as disparidades apontadas por Augé:

Descobrimos no decorrer do século XX a riqueza das culturas ditas “orais” ou sem escrita. Os etnólogos mostraram que essas culturas puderam desenvolver modos de conhecimento e formas extremamente refinadas de adaptação ao meio ambiente. Um dos dramas de nossa época é que muitos indivíduos, devido a fatos como a colonização, a globalização, o êxodo rural, guerras, fomes e migração, foram despossuídos de seus saberes tradicionais sem ter acesso, no entanto, aos modos de conhecimento moderno. Eles se empilham nas favelas e arrabaldes urbanos do terceiro mundo, nos campos de refugiados ou, quando têm chance de conseguir imigrar, nos bairros pobres dos países desenvolvidos. (AUGÉ, 2010, p. 57-58).

O equilíbrio de valores da oralidade e da escrita, metaforizado na estratégia de indistinção gráfica dos discursos na crônica “O pilão no nono andar”, concilia opostos, elaboração tão característica do autor. Nesse sentido, Mia Couto reafirma o compromisso do escritor com a democracia, promoção de igualdade e de paz. Mia Couto nos leva, enfim, a refletir sobre a ideia de que a educação a que se tem direito é a educação de todas as vozes. Percebemos em sua proposta a defesa dos direitos humanos, sobretudo o direito à educação que se constrói com um olhar de “desaprendizado”, ou de aprendizagens múltiplas. Um composição educacional em que se ensine a ler aos que não aprenderam o código da escrita e também se ensine a ouvir àqueles que só sabem ter o respeito pelos conhecimentos documentados, desconsiderando a sabedoria das fontes orais. De modo a que não se possa estar permanentemente olhando o conhecimento humano a partir de uma perspectiva unilateral que impõe domínio e reduz o horizonte. É também por essa via que nos traz Guimarães Rosa, valorizando a percepção de saberes: “João Guimarães Rosa é um mestre, um ensinador de ignorâncias de que tanto carecemos para entender um mundo que só é legível na margem dos códigos da escrita”. (COUTO, 2005, p. 108).

No ensaio intitulado “A mosca ou a aranha?”, o escritor chama atenção para a armadilha da falsa inclusão tecnológica: “Os ingleses chamam web a esse entrelaçar de fios. A tradução do termo é ambígua - pode ser rede, pode ser teia”. (COUTO, 2005, p.65). Com sua visão de biólogo, aspecto que trabalharemos no próximo capítulo de modo mais detalhado, o autor alerta para os riscos de equívocos apoiados em uma pretensa igualdade e a natureza perversa que se esconde no atual mundo tecnologicamente globalizador: “Nessa teia que voluntariamente aderimos seremos a aranha se tivermos estratégia. Seremos a mosca se nos mantivermos pensando com a cabeça dos outros”. (COUTO, 2005, p. 67).

Favorável às inovações, contudo, não se afasta da proposta da inclusão de valores próprios nos novos contextos. Alerta para as possibilidades de participação de fato inclusiva:

Gostaria apenas de saber se estamos pensando o nosso lugar nesse universo, nós que somos uma nação profundamente marcada pela oralidade. E que estamos fazendo contas de quanto e como podemos ganhar se tivermos um projeto nosso, capaz de introduzir mudanças e inovações no projecto dos outros. (COUTO, 2005, p. 66).

Pensar a posição nesse contexto de globalização tecnológica pode ajudar o continente a identificar fronteiras que se redesenham em função da consolidação de desigualdades. Nas falsas mudanças, os parâmetros do paradigma da educação e do conhecimento permanecem inalterados ou apenas, sob as mesmas condições, acomodam outras categorias. A passagem de indigentes para “indigitalizados” é um exemplo:

Há uns anos a fronteira entre civilizados e os povos indígenas era a sua integração na cultura europeia. Agora uma nova fronteira pode estar surgindo – de um lado, os digitalizados e, do outro, os ex-indígenas que passarão de indigentes a indigitalizados. (COUTO, 2005, p. 67).

Novamente em sua característica perspectiva beirense, com olhar englobador para além do local, o autor percebe a tecnologia não apenas em Moçambique, mas em e contexto mais amplo:

Preocupa-me a maneira como estamos cedendo à tentação de olhar a tecnologia como solução global para os nossos múltiplos males. Muitos de nós acreditamos que é a técnica que nos vai salvar da miséria. (COUTO, 2005, p. 65).

Na compreensão do imaginário da Beira, “cordão umbilical” que o influencia literariamente, em *Pensatempos* temos a ligação estreita entre o escritor (criador) e a obra. A sua cidade, enquanto seja para o autor, promotora de um olhar aberto para além de si mesma, inspira uma reflexão mais abrangente sobre as coisas. Seus ensaios nos possibilitam observar como o cidadão, pela via literária, se posiciona sobre as realidades do mundo a partir de um ângulo africano.

Por trás desse olhar está a preocupação pela representatividade do espaço do homem, do ser humano, levando-nos a pensar em um espaço mais relacional, de pertencimento, sem as distinções e separações excludentes das fronteiras determinadas pelas barreiras de natureza diversa, sobretudo as geopolíticas. As diferenças que servem de base para a construção de desigualdades podem ser, na perspectiva beirense do autor, substituídas por “trocas politicamente mais eficazes”.

Em seus ensaios, Mia Couto mostra-se um cidadão inquieto em relação a múltiplas questões do seu país e, com uma escrita irônica, de contestação, provoca as escalas de poder.

Desse modo, abraça a condição de responsabilidade em um país com graves problemas sociais. Inquieto, o autor chama atenção para a própria responsabilidade que o continente deve assumir para restituir a dignidade do povo, constantemente assediado pela predação das elites:

O nosso continente corre o risco de ser um território esquecido, secundarizado pelas estratégias de integração global. Quando digo “esquecido” pensarão que me refiro à atitude das grandes potências. Mas eu refiro-me às nossas elites que viraram as costas às responsabilidades com os seus povos, à forma como o seu comportamento predador ajuda a denegrir a nossa imagem e fere a dignidade de todos os africanos. (COUTO, 2005, p. 21).

Seu posicionamento pode ser observado também em crônicas como em “Carta entreaberta ao corrupto nacional”, onde ironicamente expõe:

Termino, apelativo: valorizemos a corrupção nacional, sem complexos de inferioridade em relação ao estrangeiro. Mostremos ao mundo que nós outros não somos quaisqueres, já dispomos de competência comparáveis aos modernos padrões internacionais. (COUTO, 1991, p. 178).

Ouvimos, em seus textos, vozes políticas que se colocam tanto na condição de dirigentes ricos como de pobres, no sentido moral, espiritual. Isso pode ser observado em textos ficcionais e ensaísticos, como respectivamente “Mulher roxa em vestido laranja” e “Pobre dos nossos ricos”. Vozes que falam inglês, por exemplo, fato compreensível pelo contexto de globalização que abriga as relações de África com o mundo, marcadas por explorações e pela subserviência das elites. Se seu país configura-se de modo social e politicamente negativo, ele, enquanto cidadão, não silencia e se põe como escritor comprometido.

Mia Couto oferece, por via destas personagens, um lado de África que se reduz, muito diferentemente das vivências do povo, móveis e plurais. Esses dois lados convivem em sua obra. Se lembrarmos de seu mais premiado romance, *Terra Sonâmbula* (Couto, 1992), vemos que mesmo em tempos de noite, sua terra abriga o amargo e o belo, ambas as dimensões em situação de contato com o resto do mundo.

As estratégias de seu discurso favorecem a ideia de que a produção literária está em consonância com o seu projeto de cidadão politicamente comprometido com Moçambique e com a África. Esta é uma forma de “ir empurrando o espaço para

dentro” e, em perspectiva de fronteiras mais alargadas, colocar o pilão no “9º andar” do mundo.

Nesse sentido, Mia Couto trabalha não só a proposta de reconhecimento e valorização da diversidade cultural de seu país, mas também da cultura africana e, literariamente, constrói um diálogo como caminho de aproximação entre os povos do mundo. Em “Que África escreve o escritor africano?”, enfatiza logo na abertura de um texto aqui já bastante referenciado: “O tema desta cerimónia é a relação do escritor com a luta por um mundo mais humano e democratizado. A pergunta poderia ser: qual é a responsabilidade do escritor para com a democracia e os direitos humanos? É toda” (COUTO, 2005, p. 59).

Nessa perspectiva, escreve uma África que participa de igual para igual na reflexão sobre o ser humano e seus destinos, ouvindo e reconhecendo as vozes de povos do mundo a partir da sua condição própria de lugar com uma história plena. África traz uma diferenciada disposição para ouvir vozes que, relembra o autor, confere decisiva importância aos mortos. Enfim o autor, nos apresenta o seu pertencimento a um espaço escutador:

O ser de um continente que ainda escuta (África está disponível para conversar até com os mortos) me trouxe um estar mais atento a essas outras coisas que parecem estar para além da ciência. Não temos que acreditar nessas “outras coisas”. Temos apenas que estar disponíveis. (COUTO, 2005, p. 123).

Em sua particular interpretação de “Nação” enquanto espaço de partilha da alma humana, percebe a necessidade de um outro contexto de mundo, não se furta da responsabilidade do intelectual e literariamente assume-se como um dos atores que devem iniciar essa construção. Não se alheia, portanto. *Pensatempos* é, por isso, um tipo de posicionamento literário e uma forma de ação política.

Voltando à pergunta “Que África escreve o escritor africano?”, notamos a coerência em seu projeto, na medida em que também em relação a literaturas africanas as fronteiras, para esse autor, devem ser ampliadas. Mia Couto não se considera “africano” quando esse qualificador é restritivo e incoerente com a formação do continente. Torna-se necessário, para o autor, que o termo “africano”, como as Beiras que o inspiram, integre um campo de muitas possibilidades para que não funcione como

elemento que, dizendo-se valorizador, acabe por restringir e isolar a produção dos autores e, em consequência, os seus espaços representativos de pertença.

No campo das literaturas moçambicana e africanas, Mia Couto tem aberto caminhos que nos fazem refletir sobre a necessidade de revisão de padrões e sobre uma concepção que amplie o alcance da literatura africana. Para ele, a literatura será tanto mais representativa do lugar quanto mais apta estiver para mostrar a diversidade, a riqueza, as contradições, os contatos e as mestiçagens que “moldaram o continente”.

Em consonância com o geógrafo Milton Santos, o autor africano acredita na possibilidade de surgir “uma outra globalização”. Sua obra pode ser ouvida e lida como uma contribuição para um futuro que não se viverá tão cedo, mas que deve se iniciar com urgência. Como vimos, para propor esta “outra globalização”, faz-se necessário também assinalar as formas que a precedem, como as que sintetiza Milton Santos:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2013, p. 18).

Ao valorizar as mobilidades sociais, políticas e humanas, promotoras de transformações, Mia Couto aproxima-se também do pensamento de Augé. Sem ignorar a especificidade dos contextos, nos traz a percepção de que:

Nós precisamos de utopia, não para sonhar realizá-la, mas para tê-la conosco e nos dar assim os meios de reinventar o cotidiano. A educação deve inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente fixado pelas imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, do seu entorno, a compreender que é a exigência universal que relativiza as culturas e não o inverso. É preciso sair do cerco culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. É chegado o tempo da nova mobilidade planetária e de uma nova utopia da educação. Mas só estamos no começo dessa nova história que será longa e, como sempre, dolorosa. (AUGÉ, 2010, p. 109).

Para o autor moçambicano, a sua Beira nos oferece, pela “anarquitectura” que a caracteriza, o caminho dessa utopia: “Criar uma cidade num terreno inundado pelas marés não é apenas um erro urbanístico – é uma utopia. Uma aposta contra a corrente. A

Beira foi sonhada por um anarquitecto?” (COUTO, 2005, p. 146). Desse modo muito particular, o regresso metaforizado à origem, com todas as contradições que ela revela, serve para o autor como um horizonte de futuro. Pareceu-nos que o mesmo pode ser dito para essa(s) “Beira(s)” em que se converteu *Pensatempos*.

3 BIO-GRAFIAS COUTIANAS: O BIÓLOGO NAS EXPRESSÕES LITERÁRIAS

A articulação da literatura com outros ramos do conhecimento tem se acentuado de tal forma que, não raro, análises literárias são apoiadas em teorias de áreas como a geografia, o cinema, as artes em geral, a antropologia, a história (uma constante parceira) e outras, em uma dança em que já se perde, por vezes, a definição do que é a literatura; se ela abraça outras visões do mundo ou se por elas é abraçada. Soma-se a essa parceria crítica o fato de muitos escritores representativos de suas literaturas serem não apenas escritores, como o caso do médico Guimarães Rosa e do nosso autor em pesquisa, o biólogo Mia Couto.

Tão afeitos às fronteiras, há também uma visível aproximação entre esses dois universos em Mia Couto. Tal junção de atividades e habilidades soma-se, como não poderia deixar de ser, a tantas outras facetas que o caracterizam de forma múltipla. Nesse sentido, o biólogo tem relevante expressividade na produção do escritor, embora não seja esta a única fonte de diálogos. Parece-nos relevante investigar, como em um trabalho de pesquisa de campo, no caso de campo textual, as fronteiras, como sempre aproximadas, entre o biólogo e o escritor.

Tanto nas crônicas quanto nos ensaios, Mia Couto abre espaço para que se possa estabelecer o diálogo entre literatura e outras áreas, nesse caso, a Biologia. Parece, contudo, valorizar mais uma área em detrimento de outra: “Sou um biólogo, mas não moro na biologia. Estou na biologia como um visitante, com a alma errando pelos domínios da literatura”. (COUTO, 2005, p. 113).

Pautando a pesquisa pela observação do território linguístico em Mia Couto, nos foi possível identificar expressões, desde vocábulos a períodos inteiros, que poderíamos chamar de **bio-grafias**. Entenda-se que, como bio-grafia nas análises da literatura coutiana, restringindo-se às obras enfocadas, se quer caracterizar a combinação do olhar

do biólogo e do escritor e observar como essa operação enriquece ainda mais a diversidade da sua literatura. Também nessa perspectiva, de conjugar natural, literário e social, o autor confirma a sua percepção do espaço do Homem, para além de fronteiras geográficas, apontando-nos a dimensão planetária:

Sou escritor e cientista. Vejo as duas actividades, a escrita e a ciência, como sendo vizinhas e complementares. A ciência vive da inquietação, do desejo de conhecer para além dos limites. A escrita é uma falsa quietude, a capacidade de sentir sem limites. Ambas resultam da recusa das fronteiras, ambas são um passo sonhado para lá do horizonte. A Biologia para mim não é tanto uma disciplina científica, mas uma história de encantar, a história da mais antiga epopeia que é a Vida. É isso que eu peço à ciência: que me faça apaixonar. É o mesmo que eu peço à literatura. (COUTO, 2005, p. 45).

Mia Couto nos faz, tomando por base a observação de configurações de espaços moçambicanos, retornar a um saber e a um espaço natural amplos, reaproximando com sua literatura as realidades. Podemos reconhecer que as bio-grafias, de certa forma, ao trazer à escrita a concepção natural de existência, nos propõem uma interpretação que diminui os abismos entre o mundo da oralidade e a leitura da escrita. A bio-grafia pode ser um tipo de expressão que aproxima esses mundos.

Para expressar a confluência de suas ligações vitais e literárias com a Beira recorre, como vimos no capítulo anterior, à condição de vínculo humano biológico, constrói a metáfora dessa estreita relação, descrevendo, como já referido, estar “umbilicalmente” ligado. E, pela constituição hidrográfica da cidade, na mesma perspectiva, se traduz de forma mais ampla a vertente natural de seu imaginário: “O Índico ficou margem da minha alma. Nesse *lá* eu nasci. Nasci tanto que, agora, os meus sonhos são anfíbios”. (COUTO, 2005, p. 149).

Diversos ramos da Biologia são revisitados literariamente, como a botânica, geologia, zoologia, genética, essa mais privilegiadamente conjugada a questões políticas, sociais e econômicas. Ramos biológicos e áreas sociais dialogam na representação de um mundo mais coeso, que se situa entre o natural e o cultural. Valendo-se dessa possibilidade existencial aproximativa, identifica as distâncias que vão sendo construídas no campo político.

A compreensão de mundo dos moçambicanos das áreas rurais, como declara Mia Couto em “Por um mundo escutador”, diz da possibilidade de não separação entre essas esferas:

Na maior parte das nossas línguas bantus, não há tradução para dizer “cultura”, como não há tradução para dizer “natureza”, para dizer “sociedade”. Esta ausência de equivalência não deriva de alguma menoridade das nossas línguas. Resulta, sim, de um outro ponto de partida filosófico, de uma outra visão de mundo. Para a maioria dos moçambicanos rurais não existe essa fronteira entre aquilo que é “cultural” e “natural”. Existe, sim, um mundo interligado que só pode ser entendido e designado de forma única.”(COUTO, 2005, p. 128).

Dentro dessa perspectiva de observação, entendemos que as bio-grafias vêm construir no texto a interligação característica entre o espaço natural de existência e do mundo cultural. Na valorização dos componentes da sua terra, povo e seus valores, amplia-nos a visão do mundo.

A oportunidade de ter a expressão do biólogo na literatura amplia os horizontes de alcance de saberes africanos que fogem ao nosso conhecimento mais imediato sobre o continente, em especial do que nos chega transmitido pela mídia e inclusive por estudos eurocentrados, cientificamente reconhecidos. O próprio autor põe em questão tais conhecimentos e revela: “E assim como a ciência se foi, às vezes, tornando muito pouco científica, também as outras sabedorias foram ganhando terreno na minha relação com o mundo”. (COUTO, 2005, p. 113). A sua literatura amplia, nesse sentido também, as fronteiras de Moçambique e de África, para além do geográfico, dando a conhecer convivências entre homem, animais e meio pautadas por relações constituídas por outras lógicas de percepção e de relação com o mundo.

Essas outras sabedorias são também, naturalmente, observáveis em outras artes, como nos apresentou em palestra, na Faculdade de Letras da U.F.R.J., o cineasta Licínio Azevedo, que vive há mais de 40 anos em Moçambique. Em sua fala, relatou-nos alguns episódios de relação do homem com a natureza ao nível do que seria inacreditável para muitos. Como exemplo, citou a vez em que um camponês reconduziu uma manada de elefantes bravios em direção de ataque à aldeia, como se se tratasse de dóceis animais. Após a narrativa do episódio, acrescentou: “Quem não acredita nessas coisas não pode fazer filmes em Moçambique”.(2018)

As considerações feitas em “Conservação faunística: uma arca sem Noé?” apontam os rumos da relação entre homem e natureza, seguindo uma lógica semelhante a que Licínio nos relatou. A ideia de interferência do homem sobre o meio natural, que sempre ocorreu, é ampliada pelo autor:

Na realidade, nunca houve vida selvagem sem a participação das sociedades humanas, a fauna bravia sempre aconteceu com interferências humanas. (pelo menos desde há 250.000 anos). Estamos interferindo com processos ecológicos mesmo antes de haver *workshops* sobre turismo e conservação. Somos produtos e produtores do ambiente. Somos natureza e sociedade (COUTO, 2005, p. 129).

Mas a crítica se aprofunda em razão de que, ao desconhecimento de outros saberes, alia-se a interferência sobre o meio sem que haja o conhecimento do próprio meio:

Os nossos engenheiros florestais olham a árvore como madeira. Os nossos veterinários mexem em cães e bois, mas temos poucos que saibam gerir fauna bravia. Faltam-nos ecologistas, sociólogos, antropólogos que conheçam os mecanismos e dinâmicas do nosso mundo rural. (COUTO, 2005, p. 136).

As bio-grafias coutianas conjugam, portanto, o natural e o social, ressaltando o componente humano desses dois contextos. De certo modo, dentro dessa perspectiva de observação, o autor traz para seu texto a percepção de que não existe distinção entre natureza e cultura em certas zonas do país e que isso não é necessariamente mau.

Os textos de *Cronicando* e de *Pensatempos* invariavelmente retratam a fusão de vidas, humanas e não humanas, enquanto expressão positiva da totalidade da vida. A recolha de expressões bio-gráficas se pretende apenas ilustrativa no intuito de exemplificar a ocorrência.

Em sua escrita híbrida, notamos a valorização dos mundos e dos ensinamentos da vida em seu contato com a terra moçambicana. Elementos humanos e culturais são enlaçados. O natural e o cultural, de resto, se fundem nessa percepção de mundo e na concepção de um tipo de literatura. Em um trecho de “Os sete pecados de uma ciência pura”, encontramos as condições vitais iniciais em consonância com o literário, em harmoniosa relação:

A Biologia me alimentou a escrita como se fosse um desses velhos contadores não de histórias, mas de sabedorias. E reconheci lições que já nos tinham sido passadas quando ainda não tínhamos sido dados à luz. No redondo do ventre materno, já ali aprendíamos o ritmo e os ciclos dos tempos. Essa foi a nossa primeira lição de música. O coração -esse que a literatura elegera como sede das paixões -, o coração é o primeiro órgão a formar-se na morfogênese. Ao vigésimo segundo dia da nossa existência esse músculo começa a bater. É o primeiro som, não que escutamos – nós já escutávamos um outro coração, esse coração maior cuja presença

reinventaremos durante toda a nossa existência -, mas é o primeiro som que produzimos. Antes da noção da Luz, nosso corpo aprende a ideia do Tempo. Com vinte e dois dias, aprendemos que essa dança a que chamamos Vida se fará ao compasso de um tambor feito da nossa própria carne. (COUTO, 2005, p. 124).

Nas construções bio-gráficas, apresentam-se, também, elementos naturais que expressam desarmonias em razão da relação de abuso e exploração estabelecida pelo humano. Nessa perspectiva, se aceitarmos o jogo metafórico, a palavra “citrino”, referindo-se à pedra de cor alaranjada, sutilmente sugere a extração de minérios que “ambulam”, ou seja, a riqueza que vai para outro local. Como vimos no primeiro capítulo, na crônica em que se criticam as relações de exploração do mundo globalizado, a descrição do vestido laranja é comparada ao elemento natural, possibilitando ampliação de leitura entre as trocas desiguais dos produtos importados de consumo, o vestido, e a extração de riquezas minerais. Na narrativa, temos: “Ela já tinha vantagens das carnes, mas com o vestido se aparentava um citrino ambulatório” (COUTO, 1991, p. 74.). Com essa comparação de cunho geológico expõem-se as distorções entre o natural e o social. As questões enfocadas com base no natural possibilitam uma leitura do sociocultural, apontando-nos configurações que ora trazem o percurso harmônico do meio ora sugerem o interesse de natureza materialista sobre seus elementos.

Na percepção bio-gráfica de Mia Couto, gestação e morte podem caber em um mesmo parto: Em “O rio que bebeu o homem”, encontramos elementos diversos, vivos e mortos, de seres humanos que se dirigem ao rio cuja água é ativa em sua existência relacional com todos os outros seres, assumindo ainda uma condição uterina:

As mulheres fugiram. No fúnebre desfile, só restavam homens. O corpo foi prosseguindo rio acima. Até que chegou a um desses remansos onde as águas se atrasam, num passo quase felino. Ali era o princípio, naquela esteira límpida o rio se iniciava. Foi nesse ventre líquido que se assistiu ao que, de tanto assombro, me foge vislumbrar. O cadáver iniciou uma dança suave e se foi enroscando, dobrando-se no encontro do seu centro. Com arrepio na alma, viram que o morto se transfigurava em feto. As mãos encobriam o rosto, a cabeça se envolvava e os joelhos lhe vieram beijar as faces. (COUTO, 1991, p. 106-107).

A terra, assim como se observa na representação das águas, tem nessas configurações a condição de sujeito pleno, protagonista da vida plural. Assume características que, por isso, afetam os homens e a si mesma. Nesse sentido, fundem-se

o humano e o elemento natural e, no mesmo compasso, encontramos passagens que descrevem a terra como um corpo em estado de debilidade física relacionado à penúria social, metaforizando o país e o povo. Na crônica “A sombra sentada”, Mia Couto prossegue: “Aquela visão magoava: esse esqueleto de terra era, afinal, o de todos nós. E aquela areia que se estendia, devagarosa, era a nossa alma moribunda”. (COUTO, 1991, p. 13).

Água e terra recebem especial tratamento na escrita de Mia Couto. Sem que signifique distinção de valor, a água ganha relevância nos textos, estando em destaque nas crônicas e nos ensaios e explicitamente referida em títulos de crônicas, como “Natural da água”, e de ensaios, como “Águas do meu princípio”, diga-se, são textos de excepcional elaboração poética. Soma-se a esse destaque titular o fato de haver referência ao elemento água na maioria dos textos ficcionais e, não poucas vezes, nos textos de opinião. Mas quanto à presença textual, terra e água estão em equivalência nas coletâneas.

Na pluralidade da composição da vida, dentre os encontros naturais e sociais que recria em seus textos, as passagens de fusão de terra e água expressam a complexidade do continente: “Nesse tropel, o leito torna-se savana azul, África liquefazendo sua carne térrea. O continente se oceanifica”. (COUTO, 1991, p. 78).

Na crônica, água e terra são equiparadas:

Mas a água só despida está completa. Assim, da terra ela se distingue. A terra exige cobertura, requer construção. Enquanto a água em sua própria pele se aconchega. Em tal nudez nunca nenhum sulco se abriu, nenhuma ruga se desenhou. Os homens magoam o solo, cobrem de golpes o chão. Mas até agora nenhum foi capaz de ferir o rio e deixar nele escrita. (COUTO, 1991, p. 78).

No ensaio, esse tipo de valorização simbólica volta a ganhar uma dimensão de alta relevância para a construção do pensamento do autor: “A Beira é um sítio roubado às águas de um estuário, forrado de lodo e mangais. Cidade líquida, num chão fluvial. Tanto que para falar dela, eu digo: a Beira, minha água natal” (COUTO, 2005, p. 145).

Questões políticas, como já anunciamos, não estão fora de uma interpretação que une os mundos natural e social. Utilizados como metáforas para retratar a relação entre necessidades e interesses políticos portugueses e moçambicanos, tais elementos nos convidam a pensar como a história é lida em diferentes contextos. Os textos de Mia Couto reavaliam eclosões política e natural, em gestação, para, por exemplo, comparar

os resultados possíveis da Revolução dos Cravos, em “Rir num Abril, dançar em outro abril”, nas perspectivas europeia e africana. De maneira irônica, o autor indica a influência da temperatura para as diferentes perspectivas adotadas: “A nossos olhos a Revolução dos Cravos surgia, no início, como um ovo de crocodilo: poderia vir a ser macho ou fêmea de acordo com a temperatura exterior”. (COUTO, 2005, p. 51).

Entre os textos com maior número de elementos ligados à biologia incluem-se dois, que abordam, curiosamente ou não, a literatura. São eles: a crônica “Escrevências desinventosas” e o ensaio “Uma palavra de conselho e um conselho sem palavra”. O segundo, já desde o título, abrange aspectos do não-escrito, sugerindo o universo da oralidade em seus amplos campos de entendimento, especialmente os da leitura do mundo pela sua constituição natural, e os da escuta de muitas e diversificadas vozes.

No primeiro texto, por via humor, com o olhar bio-gráfico, o autor questiona a “maternidade” atribuída à língua. E, por obediência, escreve conforme ditam e, desobediente, compõe o neologismo “obeditado”.

Mas a ordem me deixou desesfeliz. Primeiro porquê meter a mãe no assunto? Por acaso sou filho de língua, eu? Se nasci, mesmo inicialmente, foi de duplo serviço genético, obra inteira. Segundo: sou um homem obeditoso aos mandos. Resumo-me: sou um obeditado. (COUTO, 1991, p. 163).

Quanto ao segundo texto, o ensaio, traz propostas de uma relação que permite entender e dialogar com os seres do mundo:

Há quem acredite que a ciência é um instrumento para governarmos o mundo. Mas eu preferia ver no conhecimento científico um meio de alcançarmos não domínio, mas harmonias. Criarmos linguagens de partilha com os outros, incluindo os seres que acreditamos não terem linguagem. Entendermos e partilharmos a língua das árvores, os silenciosos códigos das pedras e dos astros. (COUTO, 2005, p. 49).

As bio-grafias vêm também reforçar a proposta de partilha com alternativa à globalização, considerando, como possibilidade, a substituição da exploração pelas trocas inspiradas na relação com a natureza.

O que nos é possível observar, através do reiterado contato entre as esferas naturais e sociais em seus textos, é, uma vez mais, a diversidade e a ressonância das distintas “vozes” que circulam no mundo, contrastando valores que vão das necessidades naturais ao voraz consumo que gera lucros para alguns e pobreza para outros. É o “risco” na carrinha. É o objeto identitário que aparece no espaço do objeto

utilitário. É o suprir a necessidade alimentar em lugar de consumir. É a produção e transformação de recursos em lugar da industrialização. Na sutileza irônica, constroem-se os tensos diálogos: “A nossa paciência, caro vizinho, está nos últimos grãos”. “Desculpa-me, mas eu tenho que lhe fazer essa autocrítica”. Em seguida, a exposição da necessidade: “A farinha toda moemos aqui em casa. Não pilamos por gosto”. (COUTO, 1991, p. 110).

Metáforas e personificações, fundadas em expressões do mundo natural, vão desenhar a leitura do intelectual moçambicano sobre questões socioculturais da contemporaneidade. A observação do mundo traz um conhecimento retirado da sabedoria da vida em estado inicialmente natural. O homem aprende da natureza. Considere-se, por exemplo, que uma parte representativa dos milenares provérbios tem animais como protagonistas. Como na comparação entre eclosões políticas e do mundo animal acima referidas, em alusão à revolução portuguesa, há outras em que a relação entre a vida animal e a esfera social se aproximam. Destacamos em ensaios e em crônicas alguns dos exemplos observados.

Na harmoniosa convivência entre Orolando Mapanga e o porco, personagens da crônica “Lixo lixado”, a colaboração mútua resulta de aprendizagens entre saberes do homem e do animal, que se aliam pela sobrevivência em um espaço de pobreza, retirando seus alimentos do lixo: “Sabia o que o campo lhe ensinara. Voz de bicho era a sua sapiência. Pelo cantar de uma só galinha ele adivinhava o tamanho de toda a criação. Pelo balido do cabrito ele já via a cor do bicho”. E, ainda: “Segurou a presa com força, que bicheza é inteligente há muito mais tempo que os homens”. (COUTO, 1991, p. 38).

A convivência descrita na crônica denuncia a problemática da fome que acaba por animalizar, em seu sentido degradante, os seres humanos, gente que perde a dignidade e se equipara a bichos que habitam a mesma miséria. Nessa construção biográfica, as relações entre o natural e o social apontam para as contradições e as desarmonias, para certas opções políticas que favorecem os exageros do consumo e o retorno de sobras que servem como único recurso para “mantimentação”. (COUTO, 1991, p. 37) da vida. Ambos, porco e homem, fundem-se em suas ações. É a linguagem que faz a denúncia do processo de degradação humana, mas nela a “sapiência de voz de bicho” acaba por ser incorporada, constituindo-se em forma de expressão que visa

contrariar a perda da oralidade e todas as significações. Na sequência da narrativa, a descaracterização dos espaços naturais e rurais resulta de uma dinâmica semelhante:

Agora quem passa pela lixeira pode ver um porco, com dignidade canina, encaminhando seu dono pelos detritos, oferecendo seu faro para escolha das migalhas da sobrevivência. Dizem o Mapanga se vai esquecendo da língua humana, soletrando só a fonética do bicho. Afinal, vivendo na porcaria ele combina melhor com idioma dos porcos: é o parecer dos trabalhadores do lixo quando se despedem dos domínios de Orolando Mapanga. (COUTO, 1991, p. 40).

É o espaço de existências que lhes resta, são as sobras da guerra que devastou o espaço rural, promovendo a evasão das populações de seus lugares de origem. Valendo-se do “improvérbio”, estratégia coutiana que atualiza os conceitos, sua condição é descrita: “Orolando Mapanga não tinha onde cair vivo? É a impura verdade. Dele se fica sabendo que não existe pobreza de espírito. O que existe é miséria sem espírito”. (COUTO, 1991, p. 37). A reinvenção vocabular, tão característica da literatura coutiana, conjuga o trabalho estético com o interesse ético de acompanhar as mudanças de seu país. Em sua estética expõe-se, portanto, através da observação da vida de contextos naturais, as configurações sociais do povo.

A inversão proverbial “cair vivo” e “pobreza de espírito” nos possibilita entender, a partir do vocábulo, se considerarmos que o prefixo indica negação, que os “improvérbios” propõem uma renovação semântica que se vincula às transformações em diversos níveis pelas quais passa Moçambique e o seu povo. Se o provérbio expressa a sabedoria popular e sobrevive pela força da constância de condições, o improvérbio abala essa ideia, expondo mobilidade e propondo uma observação renovada e atualizada da configuração nacional. O improvérbio amplia sem excluir. Mía Couto parece nos propor uma releitura dos fatos, valores e complexidades para Moçambique. O improvérbio traz o “antigo” com nova roupagem, com um novo sentido, “descongelando” conceitos.

As alterações dos espaços de existência e os deslocamentos impostos a homens e bichos, percebidos na crônica anterior, podem ser observados ainda em outras duas crônicas, nas quais se evidencia a relação de submissão dos animais à suposta superioridade dos homens. Os seus títulos, “No zoo-ilógico” e “Animais, animenos”, já indiciam as contradições dos processos de interpretação de existência, que inferiorizam a condição animal em prol de outras vidas. Incluindo-se os títulos, nos dois textos há

muitos neologismos funcionando como expressão que dá conta, sobretudo, das inversões de valores que se estabelecem pela prepotência e pelo desrespeito humanos. Alguns trechos buscarão demonstrar as condições de vida e o tratamento equivocado dado aos animais, assim como os neologismos que os releem:

Na crônica “Zoo-ilógico”:

“Zoo, ainda aceito. Mas lógico, porquê? As mais das vezes é mesmo ilógico: os animais com ordem de prisão, detidos sem outra legalidade que não seja a prepotência da nossa espécie. O senhor duvida? Então, venha por seus olhos visitar o parque”. (COUTO, 1991, p. 125).

As releituras críticas restabelecem o olhar valorizador e libertador dos animais, prisioneiros físicos e simbólicos. Na perspectiva do narrador, os comportamentos dos animais, mesmo em privação de liberdade, são fontes de ensinamento para o homem.

Mesmo em situação de aprisionamento, mantêm seus comportamentos naturais e a beleza que se conjuga à resistência: “Dessa feita, daremos volta à passurada. Dá pena tanta pena subusada. Contudo os cantares de encanto, os pios, os rodopios, as súbitas colorações, de todas essas maravilhas permanecem, resistindo à jaula: mar, ave, ilhas”. (COUTO, 1991, p.125). E, ainda, com revisão da nomeação, que não condiz com a ave: “É preciso ter pernas para pernoitar. Quem diz é a garça em suas pernaltitudes. Rectifico o albatroz: alba sim, atroz: nunca”. (COUTO, 1991, p. 126). Com humor, o comportamento do galo é comparado ao do homem, no que se refere à gentileza para com as mulheres: “O galo: mais cavalheiro não conheço. Cisca e debica, mas quase não come. Oferece o melhor às galinhas do seu harém. Exemplo para os homens que aos comerem as galinhas, não deixam parte valiosa para as mulheres”. (COUTO, 1991, p. 126).

Na crônica, “Animais, animenos”, mais releituras vocabulares e observações críticas e humoradas são apresentadas, expressando a condição animalesca do homem, que subjuga vida:

Na solidão da jaula os bichos se autrofiam. Que desanimalidade! Assim, arrisco: o homem é o antecessor de todos os animais. Ofendo? Que outro ser, portador de alma, é tão sem-respeitoso? Amanhã, em suas fábulas os bichos narrarão: no tempo em que os homens sujavam o mundo. Passemos aos animais, antes que esgotem. (COUTO, 1991, p. 129).

E, em bem-humorada construção, nota-se a aproximação entre bichos diferentes, em harmonia existencial, como se observa pela comparação de seus corpos e espaços em contraste ao ameaçador contato humano.

A conjugação entre polvo e serpente entre mar e terra é um exemplo: “O polvo multipérmico, em sua imóvel impaciência, dono de suas serpentes, quem sabe ele presente, o polvilho da morte, o polvo em transição para guisado”? (COUTO, 1991, p. 129).

A atenção para uma organização de partilha entre os seres e ambiente é apresentada nas semelhanças dos elementos morfológicos das palavras lula e libélula e nas adjetivações “voos líquidos”, que fazem confluir os espaços de água e de ar: “Já a lula, em seus líquidos voos, lembra suas aéreas parentes, as libélulas” (COUTO, 1991, p. 129).

A aproximação entre questões de saúde que assolam o país, na referência à AIDS, também é feita. Observa-se que o dito “animal” vem de outros espaços, de outras realidades socioculturais, de outras lendas. Temos: “E agora com a SIDA? Coitado do vampiro, viciado nas refeições sanguíneas. Que poderá o pobre quiróptero fazer? Qual a sua quiropção? Pedir o teste de HIV às vítimas? Ou melhor será, talvez, retirar-se. Vampirar-se.” (COUTO, 1991, p. 130).

Ao fazer confluir as vidas naturais e sociais nessas crônicas, dando protagonismos a bichos e homens, Mia Couto, mesmo considerando os atentados que os homens têm produzido nessas relações, recupera em sua reinvenção literária a condição de um mundo em que os seres participam do mesmo espaço de existência e a diversidade que caracteriza a vida deve em todos os âmbitos ser reconhecida e respeitada.

Devido a essa pretensa superioridade humana se perdem sabedorias, caminhos de aprendizagens e abre-se espaço às extinções de espécies, incluindo a humana. Em “O monstro infantil (Declaração de amor ao *Loxodonta africana*)”, crônica em que se aborda o tratamento dado ao elefante, desde a colocação em circo até a extração do marfim, o autor reitera: “Se pela boca morre o peixe, o elefante está pagando a existência pelo marfim. Seu futuro virou assunto transcendente”. (COUTO, 1991, p. 132). Utilizando-se de seu característico jogo vocabular, o autor mostra como a crueldade faz sucumbir o elemento natural em prol de vantagens econômicas. A exposição dessa condição oferece à crônica um tom de ensaio, em expressão de indignação:

A humana desumanidade o leve à extinção: dele ficará o registo, nossa memória de elefante. De tudo se verá, quando o último se apagar: este animal estava inocente, seu coração se suprimiu distraído. Tivesse ele usado todo o seu peso contra o lucro de sua morte. Tivéssemos aprendido quanto nos bichamos, nós, mais selvagens. E quanto o mundo se vai tornando mendigo. Porque o elefanticínio, ao extirpar tão doce menino, se converte em nosso vergonhoso infanticídio. (COUTO, 1991, p.132).

Como sucede na crônica, nos ensaios se encontram alusões sobre as relações entre ciência e natureza. Observa-se que as relações se fazem pelo domínio, eliminação e desconhecimento. Em “Os sete pecados de uma ciência pura”, o autor apresenta as contradições da relação homem e elementos naturais:

A nossa ciência, sendo da vida, fez-se também por estradas da morte: a biologia sacrificou a planta para a herborizar, matou o bicho para o dissecar, laminou a célula para a mergulhar nos solventes e espreitá-la sob a lente do microscópio. Mas há outros modos de matar. Não matar o objeto do conhecimento, mas o próprio conhecimento. (COUTO, 2005, p. 122).

Se, por um lado, podemos encontrar a apresentação de contextos naturais alterados pela mão humana, evidenciando as transposições de valores que são pautadas por lógicas de domínio e com atuação voltada para a exploração e o lucro, por outro lado, perspectivas mais interativas entre homem e a totalidade do meio natural surgem para indiciar a possibilidade de um ambiente vivo e harmoniosamente acolhedor de vida, em suas múltiplas expressões. Mía Couto constrói na literatura essa dinâmica que é muitas vezes mais facilmente percebida através da biologia. Observam-se nas crônicas, dentre as quais destacamos “Natural da água” e “Pingo e vírgula”, esta segunda, com título de sugestivo vínculo entre natureza e escrita, criado pela aproximação entre os formatos de chuva e o sinal gráfico, a composição entre os dois ramos. Percebem-se as influências entre áreas na declaração do autor: “A Biologia me serviu de ponte para outros saberes. Com ela entendi a Vida como uma história, uma narrativa perpétua que se escreve não com letras, mas em vidas”. (COUTO, 2005, p. 123).

Nas referidas crônicas, o olhar para a multiplicidade da vida vai enriquecer o espaço da narrativa, recriando a biodiversidade existente na natureza. Tal diversidade, na expressão literária, se compõe de sons, cores, movimentos, imagens, aproximando os elementos distintos como se dá, aliás, na própria natureza. Nessa profusão simbiótica, que procura instituir-se como narrativa viva, fundem-se elementos, suas características e

ações para que entre o animal e o humano, entre o social e o natural, entre o aquático, o aéreo e o terrestre se expresse a harmonia que caracteriza o mundo pelo qual o autor anseia. Mia Couto retoma a narrativa da natureza e transcreve o “texto oral” de que encantadoramente nos fala Manuel Rui (1985).

As imagens são cenas. Através de metáforas, personificações, sinestésias, entre outros e, incluindo, pela recriação vocabular, os neologismos, o autor dá a dimensão da vida em toda a sua potência e mobilidade.

Em “Natural da água”, desde o título se pode perceber a sugestão da origem comum dos seres, que será desenvolvida textualmente pela confluência de vidas comumente separadas. Na elaboração bio-gráfica coutiana, aves e água encontram-se desde o nascimento. A recorrência ao gerúndio contribui para a construção de movimento da descrição.

Observe-se a relação de origens fundidas já no início da narrativa: “A fonte: ninho da água. Dali ela se constitui, emplumando-se ao modo de ser ave. Primeiro se pintainha, levantando o bico faminto à chuva que desce”. (COUTO, 1991, p. 77). A diversidade de vidas é consolidada por outros elementos, que se apoiam na construção sinestésica:

Quem procure a fonte que escute primeiro seu chilreio fresco. Só depois rasteire os olhos entre a pedra e a erva, deixe aí seu olhar pousado até que a alma, naquela dobrzinha onde ela se distrai de nós, se sinta molhada e mais que alagada: alaguada. Verá então como a água a si mesma se enche, abrindo as margens, soltando suas asas. Começou a viagem do rio sucessivo. (COUTO, 1991, p. 77).

O rio flui como os demais elementos, trocando características, como metal , não só transparente, mas transfluente, como ave empoleirando-se, como gente, beijando, enfim, influenciando e influenciado, vivo: “O rio, caligrafia da água. Do alto, parece um sulco de metal transfluente. Limpo e solene. Mais perto se vê que, nas margens, se empoleira, contagiando-se de terra. O rio ora beija, ora morde a margem.”(COUTO, 1991,p.77).

Mia Couto apresenta a relação de intercâmbio entre seres e espaços e, reiterando a sua relação com a cidade, descreve o rio que nela transcorre. O movimento incessante do rio se traduz como meio que abriga o vivente e como vivente que abriga o meio, em afinada convivência. A aproximação dos elementos fogo e água, com ressignificação

sentida e revelada morfológicamente, reafirma as construções de fronteiras inter-relacionadas:

O rio da minha infância: sotaque da terra, pronúncia da própria vida. Esse rio transcorre não do mundo, mas de mim. Como se eu fora natural da água e não de lugar terreno. Às vezes flui manso, diluindo os amargos recantos, consolando as arestas da minha idade. Outras, fundo e espesso, quase imitando o fogo. Então em sua corrente me assombro. E me duvido: afogar é morrer na água ou no fogo? (COUTO, 1991, p. 78).

A correlação entre as narrativas natural e textual é reforçada pelos termos que têm significação linguística, tais como, por exemplo, caligrafia, sotaque e pronúncia. Essa mesma característica se observa na crônica “Pingo e vírgula”, como ocorre no morfológico questionamento: “Chuvisco é isco da chuva?” (COUTO, 1991, p. 83), juntamente com as construções que expressam as configurações da biodiversidade que se realizam pela criação de cenas vivas igualmente permeadas de ações, movimentos, cores e aproximações entre elementos.

As fronteiras, pelos recursos estilísticos variados, se aproximam de tal forma que não cabem nessa configuração plural distanciamentos e oposições, mas a harmonia de existências que fundem grão e gota para que surja a brotação do alimento. A narrativa constrói a multiplicidade que acomoda convivências entre deus e humano, sólido e líquido, tato e olfato, entre outras, para nos representar o ciclo da água. Nesta narrativa viva, já no início do texto, com tom de contar história, constatamos:

Os deuses pilavam as nuvens cinzeas e a água se amendoinhava, grão a gota. Depois, se despenhava, desamparada. Água ao sul, água azul. E a terra, aos seus primeiros toques, soltava seu feminino perfume. Mas o namoro é breve. A água é amante incerta e vagueia sua eterna indecisão entre duas residências: o chão e o céu. (COUTO, 1991, p. 83).

As referências que reforçam a relação linguística recriada no texto podem ser reconhecidas, além da já mencionada, em construções como: “E aqui se dividem os nomes: matope é o lodo do mato, capim é a relva que mora fora do nosso jardim. É bom estar perto dos homens para deles receber os nomes mais valiosos”. (COUTO, 1991, p. 83).

Incluem-se as construções que descrevem a sensual e íntima relação entre o orvalho e a folha: “A gota de orvalho sobre a folha se demora, como carícia em corpo de mulher. Escorre vagarinhosa pela nervura do centro. E no dançar da brisa não se conhece quem extremexe, se a folha se a gota”. (COUTO, 1991, p. 84).

A transcrição da biodiversidade nos é apresentada também pelo ensaísta que, sobre a relação com o mundo que passa pela escrita, comenta: “É uma outra janela que se abre para estreamos outro olhar sobre as coisas e as criaturas. Sem a arrogância de as tentarmos entender. Apenas com a ilusória tentativa de nos tornarmos irmãos do universo”. (COUTO, 2005, p. 45).

Mia Couto, como nos foi possível reconhecer nos exemplos citados, vale-se de recursos estilísticos para, na elaboração literária, recriar a dinâmica da narrativa enquanto entidade viva. Nessa perspectiva de representatividade da vida, os neologismos, como temos assinalado, merecem especial atenção, pois, em certa medida, dentro dos territórios linguísticos do autor, são a melhor expressão da vitalidade de sua escrita. Entendendo-se a língua como elemento vivo e, portanto, em constante movimento em busca de reinvenção da realidade, os neologismos coutianos figuram como elementos especialmente expressivos.

Por todo trabalho linguístico do autor, que transforma a narrativa em vida totalizante e não totalitária, com uma multiplicidade de elementos ali representados, as palavras apresentam-se como naturais viventes. Nesse sentido, em que a palavra vive e traz vida textual, o neologismo pode ser visto também como expressão fronteira entre o biólogo e o escritor, sendo assim também uma forma (e não apenas um conteúdo) de expressão bio-gráfica. Essa é a razão pela qual reservamos esse momento para um comentário mais específico sobre esse recurso coutiano, que confirma uma específica interpretação do mundo:

As palavras e os conceitos são vivos, escapam escorregadios como peixes entre as mãos do pensamento. E como peixes movem-se ao longo do rio da História. Há quem pense que pode pescar e congelar conceitos. Essa pessoa será quanto muito um colecionador de ideias mortas. (COUTO, 2005 p. 85).

Compreendemos que para Mia Couto a língua é viva e móvel, em constante gestação e parto. Nesse entendimento, observa-se em suas construções textuais que as palavras, em forma e significado, se renovam, se mexem, se encontram em permanente consórcio para dar vida à narrativa. Nascerem como seres vivos, e, são, depois, “descobertas”: “Não é que eu tivesse a intenção de inventar palavras. Até porque acho que palavra descobre-se, não se inventa”. (COUTO, 1991, p. 163). Essas palavras do autor revelam os contextos, muitas vezes encobertos, que surgem das mobilidades e que dão origem a novas nomeações e definições. Mia Couto dá ao neologismo a condição de

interferência poética na língua imposta, revelando assim a necessidade de renovar e atualizar conceitos estabelecidos. Com base em seu comentário, acha, descobre, revira e inventa palavras. E ainda, sutil e ironicamente, faz a crítica com a inserção de outras palavras: “Voltando à língua fria: não será que o português não está já feito, completo *made in* e tudo?” (COUTO, 1991, p. 163).

Reconhecendo a presença de neologismos em diferentes enfoques e abordagens, contudo, em consonância com a interpretação de aproximação do olhar de biólogo do autor, traremos algumas demonstrações da vitalidade dessas palavras que exemplificam também a riqueza significativa que se pode perceber nas leituras a que nos propusemos. Seguem as palavras descobertas e trazidas à vida de seus textos. Para o movimento da água em chuva: “verticaindo”; para o nascimento da água-ave: “se pintainha”; para a delicadeza da carícia do orvalho: “vagarinhosa”; para a fusão entre ave e água: “alaguada”; para o sistema de orientação sonora do morcego, que não poderia ser: “morsurdo”; para o pouco peso do esquilo: “esgrama”. Sendo a narrativa compreendida com espaço da vida, com toda força significativa de seus neologismos, Mia Couto surpreende o leitor ao inserir tantos espaços em uma única palavra.

Dentro dessa perspectiva, nas narrativas enfocadas, o elemento humano vai desde o início perdendo o protagonismo em que é habitualmente colocado para habitar o mundo em condição de igualdade com todos os seres. Seus personagens são representativos das diversas manifestações de existência, incluindo-se, além da humana, animais, vegetais e elementos naturais, que não são, portanto, ignorados nem menos valorizados. Os elementos da natureza estão associados, participam dos eventos viventes, em tal afinção de coexistência que não se pode determinar sobre quem ou de quem é a história narrada.

As passagens citadas que tornam possível encontrar o biólogo no escritor e vice-versa, apontam-nos para uma escrita comprometida com a resistência à destruição do seu espaço nacional, continental e planetário. Focando a sua terra, expande uma luta de conservação do planeta e de valorização daquilo que ultrapassa as divisões geográficas de base política, visto que constitui um patrimônio da humanidade. A preocupação ecológica alcança dimensões universais, naturalmente, pois também nesse ponto tudo está ligado. Isso o coloca como um escritor na luta pelos direitos humanos em longas escalas, mas partindo do seu solo, do seu chão, de sua África, de Moçambique, da sua Beira.

As escritas coutianas, aqui chamadas bio-gráficas, são, como os ramos da biologia, plurais. Na proposta de exemplificação, apresentamos algumas possíveis leituras de expressões fronteiriças entre literatura e biologia, com que nos brindou o autor nesses variados textos das duas coletâneas, *Cronicando* e *Pensatempos*.

CONCLUSÃO

A escrita de Mia Couto nos permitiu perceber a sua produção ficcional e ensaística dentro de um projeto literário movido por preocupações comuns. Mia Couto não nos permite um enquadramento em padrões rígidos para escritor africano. Com a leitura foi possível observar que as suas produções, não deixando de ser africanas, centram-se no humano, são também do mundo. Observa-se que o autor amplia dimensões nos levando ao entendimento de que um acontecimento, sendo literário ou natural, não está isolado, mas se insere no conjunto da vida. Suas narrativas são reinvenções que dizem das preocupações e compromissos que esse autor tem com os espaços, não apenas aos quais diretamente pertence, mas principalmente onde se estabelecem as relações do homem com seus semelhantes, com o meio e todos os elementos.

O alcance de suas reflexões acerca de temáticas múltiplas permitiu-nos observar que, além das relações coesas entre os textos ficcionais e ensaísticos, o potencial teórico de sua literatura e a sua condição de pensador de relevo podem também ser considerados como objeto de estudo pleno.

Mais do que respostas à questão chave da pesquisa, não apenas em relação à literatura, se podem encontrar muitas reflexões sobre os espaços históricos, sociais, culturais e, *entre e com* todos eles, os espaços naturais.

As transformações de Moçambique ao longo da história exigiram diferentes comprometimentos por parte de intelectuais, sobretudo os escritores que se vincularam através de sua arte à luta política. Mia Couto é um dos exemplos, tendo atuado publicamente após a independência. A mobilidade das questões políticas e sociais que o país experimenta vai igualmente influenciar a mobilidade nas produções artísticas de modo que a literatura moçambicana, como outras literaturas do continente, reinventa-se constantemente, buscando, a partir de espaços locais, dimensões mais universalizantes e vice-versa, sem que seja esvaziado o comprometimento político. Mia

Couto apresenta-nos uma literatura em variados enfoques flexível em suas fronteiras geo-gráficas, atendendo a atualização de Moçambique e de África em relação ao contexto global. Nesse sentido aproxima-se do comentário de Noa :

Se até um determinado momento da sua trajetória essa mesma literatura fez, na sua generalidade, da recriação da contemporaneidade um processo de atestação dos seus limites e das suas possibilidades enquanto território identitário e de sentido de pertença consonante com uma determinada ideia de nação, os apelos de um sentido de pertença global ou transnacional são cada vez mais intensos e incontornáveis. (NOA, 2015, p. 34)

Mia Couto reafirma-se como escritor africano coerente com suas propostas de cidadão e de intelectual, trazendo para seus textos ensaísticos e ficcionais aspectos contemporâneos acerca do trânsito local e global de elementos como a língua, o ser humano e a própria natureza. Os seus textos metaforizam o espaço africano, em sua diversidade plural, e acomodam as vozes dessa conversa mantida no continente entre língua, espaço e identidade. As obras o colocam com um escritor que responde ao desafio que nos expõe Noa:

O grande desafio que se coloca, hoje, aos autores nacionais, e não só, é o de realizarem uma síntese estruturante e inspiradora, entre o passado e o presente, entre o local e o universal, isto é, construir uma literatura que, aberta às dinâmicas do mundo, realize dentro de si as multifacetadas contemporaneidades de que se tece, afinal, o espaço vital em que se desenvolve. (NOA, 2015, p. 38)

Confirmadas as hipóteses da pesquisa e surgidas outras possibilidades de análise, o que se destaca é o quanto a leitura possibilitou, em função da observação conjugada do cronista e do ensaísta Mia Couto, ver, além dos aspectos ligados à literatura, a coerência de seu posicionamento como cidadão frente a seu país e ao mundo. A leitura em perspectiva comparada é produtiva e auxilia a perceber o autor em sua pluralidade em relação mais direta às variadas modalidades de sua produção. Mia Couto figura em toda a análise como um escritor múltiplo, contudo unificador tanto no que se refere à coesão de proposta de sua produção ficcional e textos de opinião, lidos separadamente, quanto pela possibilidade de se estabelecer a metaliterariedade entre as produções, no seu conjunto.

De tudo, a pesquisa confirma, assim, a possibilidade de leitura correlata de seus textos de opinião com os textos ficcionais, permitindo-nos pensar, pela diversidade de abordagens, em outras perguntas e revisões de abordagens críticas.

Não se encontrou uma resposta única, singular e isolada que defina que África escreve Mia Couto. Pelas tantas Áfricas que nos apresentou literariamente, se percebe que escreve a diversidade que acolhe os tempos, as contemporaneidades repletas de complexidades, as línguas “locais”, sejam elas nativas, adquiridas politicamente, incorporadas economicamente e, ainda, as formulações que compõem seu território literário, como os neologismos.

Desde a questão linguística, que interfere nas concepções de identidade enquanto elemento fortemente marcado pela história, passando pela complexidade da dimensão do ser humano que, afastado das relações dicotômicas e excludentes, representa uma espécie de Nação humana que visa uma “outra globalização”, até um retorno à condição natural em que o humano se insere e deve coabitar com outros seres, animais, vegetais e elementos em situação de partilha, encontramos algumas das pontes que ligam essas produções e sugerem a unidade do projeto literário e cívico de Mia Couto.

Pensatempos e *Cronicando*, como possivelmente outras obras coutianas, apresentam plenas condições de inspirarem produções em diversas áreas do conhecimento, que podem ir desde releituras artísticas (como já feita cinematograficamente com o romance *Terra Sonâmbula*, entre outras narrativas do autor) a estudos variados promovendo a troca com outros campos. Nessa perspectiva, e, guardadas as proporções, a literatura de Mia Couto pode contribuir, para o esclarecimento de campos como a biologia, a geografia, a antropologia, sociologia e outras esferas de pensamento. Pela diversidade temática e detalhamento de enfoques, muito se pode apreender da sociedade, da cultura, da natureza e de outros aspectos. São abordagens literárias que dão condições de análises do passado, do presente e do futuro. De o quanto África se modifica em relação a si mesma e ao mundo, sempre em situação de mobilidade, que pode ser percebida como positiva ou negativa, dependendo do contexto das narrativas.

Se retirarmos do olhar os parâmetros de rígidas posições, em que há pré-conceitos para a classificação do autor e da literatura africanos, veremos o quanto a literatura de Mia Couto tem contribuído para a valorização do espaço africano, seus povos e suas geo-grafias, repensando as fronteiras e inserindo variados perfis linguísticos, sociais, políticos, humanos como constitutivos das identidades africanas.

Em certa medida, as concepções expressas no conjunto dos textos ficcionais e nos ensaios encontram na observação de Mbembe uma síntese. Para Mia Couto, a(s) África(s) escritas possuem uma identidade plural, e, como continente e o povo, se mostram em permanente processo. Ambos, teórico e escritor africanos, concebem a ideia da impossibilidade de existência de uma identidade africana cristalizada:

Tampouco as formas desta identidade e seus idiomas são sempre idênticos. E tais formas e idiomas são móveis, reversíveis, instáveis. Isto posto, elas não podem ser reduzidas a uma ordem puramente biológica baseada no sangue, na raça ou na geografia. Nem podem se reduzir à tradição, na medida em que o significado desta última está sempre mudando. (cf. Hamilton, 1998). (MBEMBE, 2001, p.199)

É evidente, portanto, o apelo ao respeito à diversidade e à cultura que viabilize a flexibilização de fronteiras. A estratégia textual de construção aproximativa de valores é a expressão de uma conciliação possível em que o diverso não tem porque ser base de conflito. Nesse sentido, são propostas de reflexão e de paz a escrita com kapa, o vestido laranja e a capulana, o vídeoclip de Michael Jackson e o quintal do camponês moçambicano, a terra e a água, o nono andar e o térreo, os povos do mundo. Participam dessa proposta, em condição especial de escrita, como expressão de mobilidade, as palavras que unem conceitos e criam possibilidades de encontros ou mesmo reencontros. Sua literatura, pelos exemplos expostos, vem expressando o dinamismo de que nos fala Noa,(2015, p.34) na medida que se encaixa nas atualidades políticas de um momento em que a marca local é fator essencial, mas que, por ser também dinâmica, avança para dimensões mais universalizantes.

Ao fim, a pesquisa é mais um trabalho a somar-se aos estudos dos textos de opinião, visando contribuir para o aumento de análises acerca dessa vertente da produção coutiana. Pode, ainda, trazer a sugestão de leitura em conjunto de textos ficcionais e não do autor.

Mia Couto é o escritor dos múltiplos olhares que mergulham no humano para onde se veja o humano beirense, moçambicano, africano, mundial. As suas geo-grafias reescrevem as geografias e nos conduzem a diluir fronteiras que têm sido inventadas de modo rígido.

Os caminhos aos quais conduziu essa pesquisa levaram-nos não a responder a questão proposta de modo singular pelo autor, mas talvez a produzir novos questionamentos. O que se pode encontrar nas escritas de Mia Couto são perspectivas plurais, desde a que parte de um detalhe ortográfico e nos redireciona para complexas questões socioeconômicas, culturais e de identidade, àquela que elabora outros conceitos de nação, de conhecimentos e de sabedorias que contemplem escritas e oralidades. E, por fim, apresentar-nos a constituição biológica que se antecipa a (ou mimetiza) outras configurações humanas. Sem hierarquias de valorização, o ser humano está integrado em situação de igualdade e troca com todos os outros seres vivos e elementos do meio. Sua escrita visa o reencontro e contraria a retórica que apela às divisões étnicas, geográficas, políticas, religiosas, filosóficas, culturais, econômicas e tantas outras que consolidam confrontos. A perspectiva de observação da vida natural que se ressalta nas bio-grafias nos faz encontrar mais uma vez as Áfricas em seu sentido mais amplo. Em suma, estão todos no endereço Terra. Em *Pensatempos* e em *Cronicando*, na pluralidade de formas e temáticas, se apresentam como elementos unificadores das escritas coutianas, a personagem Humano e a geografia Mundo.

A importância de um trabalho artístico como o de Mia Couto está para lá do estritamente literário. As construções plurais são importantes para diversas áreas e para leitores diversos que podem perceber no trabalho literário coutiano a proposta de construção de um mundo, em transformação positiva, ainda apenas sonhada, mas possível.

Pela perspectiva brasileira, incorporando a sugestão transnacional do trabalho do autor, os textos de Mia Couto e de outros autores que promovem a paz e defendem os direitos humanos, devem fazer parte de bibliotecas de escolas desde anos iniciais da educação básica, não só pelos laços históricos entre Brasil e África, mas para que a leitura de seus textos, desde essas etapas de formação, auxilie na construção de uma educação com um pensamento renovador sobre o mundo e sobre os homens. Essa pode ser, para além daquela que já é conhecida e consolidada nos círculos acadêmicos, uma contribuição dos estudos de literaturas africanas para a Educação.

Todo o caos em que se vê a humanidade, sobretudo, em consequência dos caminhos tomados de exploração e domínio de uns sobre outros em dimensões estatais,

institucionais e pessoais, somando-se a isso a devastação contínua do meio ambiente, impõe posicionamentos e ações contrários a essa progressiva destruição. Tendo já se compreendido que caminhamos para a insustentabilidade e a falência, que há imensas e impagáveis dívidas humanas, produtos de ganâncias e prepotências, torna-se fundamental entender que tais condições solicitam outra concepção de mundo que, embora urgente, é infelizmente de construção a muito longo prazo. A distância entre a necessidade e a realização não tem impedido ações em prol do objetivo da renovação de mundo por parte, tanto de personalidades de renome, premiadas por suas atitudes e trabalhos dentro desse propósito, quanto de anônimos em suas comunidades, aldeias, bairros periféricos, favelas, ruas que são igualmente louváveis em seus atos de luta para dar início a essa inadiável construção. Mia Couto tem, via literatura, dado a sua contribuição.

.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Raquel Rocha de Almeida. Maceió: EDUFAL/UNESP, 2010.

_____. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lucia Pereira. 9.ed. São Paulo: Papirus, 2014.

AZEVEDO, Licínio. Palestra. In: **Diálogos com o cineasta Licínio Azevedo**. (Org.) SECCO, Carmen Tindo. Faculdade de Letras – UFRJ, 07 de junho de 2018.

BRIGAGÃO, Clóvis. **Dicionário de ecologia**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1992.

CAN, Nazir et al, I Seminário PIELAFRICA (Pactos e Impactos do Espaço nas Literaturas Africanas) Geo-grafias Literárias de Angola e Moçambique. Faculdade de Letras da UFRJ, 27 a 29 de março de 2017.

CAN, Nazir Ahmed. Comentários diversos em aulas ministradas no curso: **Geo-grafias literárias de Angola, Moçambique e Cabo Verde**, 2017/2.

CANDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler crônicas*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.

CHAVES, Rita. **“Missangas em firme fio: o conto em Mia Couto”**. In: CAVACAS, Fernanda et al. *Mia Couto um convite à diferença*. São Paulo. Ed.HUMANITAS,2013, p.237-244.

_____. e THOMAZ, Omar Ribeiro. **Mia Couto: escrita desarrumada**. Entrevista. *Folha de São Paulo*, 18 nov. 1998. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/literatura/arqvmiacouto.htm>>. Acesso em: 04.jul.2016.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. **O ensaio literário: órfão de dois pais vivos – Lya Luft nas águas de um (anti) gênero.** Linguagem – Estudos e Pesquisas. [online]. vols.10-11,200.,<https://www.revistas.ufg/lep/article/viewFile/32534/17302>. Acesso em 3. mar.18 .

CAVACAS, Fernanda. **Mia Couto: Brincação Vocabular.** Lisboa: Mar além & Instituto Camões, 1999.

_____. **Mia Couto: Pensatempos e Improvérbios.**Lisboa: Mar além & Instituto Camões, 2000.

_____. **Mia Couto: Acrediteísmos.** Lisboa: Mar além, 2001.

COUTO, Mia. **Cronicando.** 4.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

_____. **Estórias abensonhadas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Vozes Anoitecidas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Pensatempos: textos de opinião.** Lisboa: Caminho, 2005.

_____. **Terra sonâmbula.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **E se Obama fosse africano? E outras intervenções.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Cada homem é uma raça.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Mia Couto: repensar o pensamento, redesenhando fronteiras.** Entrevista. In: *Pensar a cultura* (Org.). MACHADO, Cassiano Elek. 10.08.14. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras>>>. Acesso em 10 Jun. 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

FONSECA, M. Nazareth S. e CURY, M. Zilda. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEBMÜLLER, Paulo. Mia couto: **A tribo de contadores de histórias**. Entrevista à Revista Brasileiros, 25 maio 2013. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/entrevista-mia-couto-tribo-de-contadores-de-historias/>> Acesso em: 11 de ago de 2016

HOLANDA, Chico Buarque de. Fragmento da letra de música “**Almanaque**”. CD *Almanaque*. f.5. São Paulo: Philips; PolyGran Discos Ltda. 1993.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LARANJEIRA, Pires. **Mia Couto – Escritor do seu tempo para o futuro**. In: *Jornal do Fundão*. Suplemento V, p.VI. 28 de abril de 2002.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição**. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2001, vol.23, n.1, pp.171-209. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2001000100007>. Acesso em : 17 de maio de 2017.

_____. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

NOA, Francisco. **Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso**. In: *Via Atlântica*. Revistas USP, São Paulo, N3, pp. 60-68. 1999. < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2942282/mod_resource/content/1/O%20paradigma%20submerso > Acesso em: 03 maio de 2016.

_____. **Perto do fragmento a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo**. São Paulo: Kapulana, 2015.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduff/Pallas, 2007.

RUI, Manuel. **Eu e o outro – invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto**. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, Brasil, 23/05/1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: edusp, 2012.

_____. **Por uma outra globalização do pensamento crítico à consciência universal**. 23.ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Ed. Record, 2013.

SARAIVA, Sueli. **Pensatempos e outras interinvenções: A crítica empenhada de Mia Couto**. In: CAVACAS, Fernanda *et al.* *Mia Couto um convite à diferença*. São Paulo. Ed. HUMANITAS, 2013, p.237-244.

SECCO, Carmen Tindó. **MIA COUTO e “a incurável doença de sonhar”**. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000. P. 261-286.

_____. **Mia Couto: o outro lado das palavras e a busca do humano**. In: *Jornal do Fundão*. Suplemento V. p. X. 28 de abril de 2002.

SESC. **Mia Couto – o tempo das identidades e os espaços de diferenças**. Entrevista no SESC Palladium. Belo Horizonte. em 27 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JLkfqnsRdDc>. Acesso em 2 de junho de 2018.

WILSON, Edward Osborne. **Diversidade da vida**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.